



GOSTO AMARGO DO RIO DOCE: uma análise de discursos jornalísticos e artístico-literários

Glauco Rodrigues MARQUETE

Isabela Carrijo MARQUES

Khristyan da Silva GARCIA

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Furquim CAMPOS-TOSCANO

Resumo: O desastre em Mariana-MG, que ocorreu em novembro de 2015, obteve grande repercussão midiática, visto que foi uma das maiores tragédias ambientais do Brasil. A esfera jornalística, que tem como objetivo informar com veracidade os fatos do dia-a-dia, foi o principal veículo de notícias da tragédia, tratando do ocorrido sob diversas perspectivas. Porém, na circulação dos discursos, há enunciados de outras esferas que, por apresentarem o mesmo conteúdo temático, dialogam com o meio jornalístico. Assim, a partir dessas observações, o objetivo de nossa pesquisa é compreender como são construídos os discursos jornalísticos e artístico-literários que têm como conteúdo temático o desastre ambiental, assim como analisar os efeitos de sentidos produzidos por meio de escolhas linguísticas e visuais, compreendidas como o estilo, atreladas à estrutura composicional, que constituem o todo dos enunciados. Para isso, o *corpus* dessa pesquisa é composto por três artigos jornalísticos publicados na revista *Época*, no jornal *Folha de São Paulo* e no *site* da *BBC*, duas fotografias, e a canção “Cacimba de Mágoa”, de composição de Gabriel, o Pensador e o grupo Falamansa. Como referencial teórico-metodológico, utilizamos as reflexões sobre gêneros do discurso e dialogismo do Círculo de Mikhail Bakhtin, assim como de seus comentadores, entre eles, Machado (2007), Brait (2007), Discini (2010), Marquezan (2006) e Fiorin (2006). A respeito dos gêneros jornalísticos, utilizamos os estudos de Rossi (2005), Seixas (2003) e Lage (2008). Como resultado da pesquisa, podemos afirmar que os gêneros jornalísticos constroem os sentidos ora expressando um tom emotivo-valorativo mais subjetivo provocando emocionalmente o enunciatário, ora expondo dados estatísticos e apresentando estudos científicos e comparações, entre outros fatos, a fim de veicular a ideia de objetividade, porém, deixando vestígios de opinião por meio das escolhas linguísticas do enunciatário. As fotografias reiteram o impacto causado pelo desastre por meio dos recursos visuais, evidenciando a expressividade com um tom emotivo-valorativo de desolação e destruição intensificado. Por fim, o gênero canção, pertencente à esfera artístico-literária, explora o tema tanto de maneira informativa quanto emocional, construindo um efeito de subjetividade e aproximando, dessa maneira, o enunciatário com seu enunciatário.

Palavras-chave: Gêneros do discurso. Dialogismo. Estilo. Esfera jornalística. Esfera artístico-literária.

Abstract: The Mariana mining disaster, which occurred in November 2015, received tremendous media repercussion as it has been considered one of the biggest environmental tragedies in Brazil. The journalistic sphere, whose objective is to provide truthful information about everyday events, was the main vehicle for the news about the tragedy, addressing the incident from various perspectives. However, in

the circulation of the discourses, there are enunciations from other spheres that engage in a dialogue with those from the journalistic sphere, as they present the same thematic content. Thus, based on these observations, the objective of our research is to understand how journalistic and artistic literary discourses, which have as their thematic content the environmental disaster, are constructed, as well as to analyze the effects of meaning produced through the linguistic and visual choices, perceived as style, linked to the compositional structure, which are elements that constitute the completeness of the enunciations. In order to do so, the *corpus* of this research consists of three journalistic articles published in the *Época* magazine, the *Folha de São Paulo* newspaper and the *BBC* website, two photographs and the song “Cacimba de Mágoa”, by Gabriel o Pensador and the group Falamansa. As a theoretical and methodological reference, the reflections about discourse genres and dialogism from the Bakhtin Circle and its commentators, among them, Machado (2007), Brait (2007), Discini (2010), Marquezan (2006) and Fiorin (2006), were used. Regarding the journalistic genres, we used studies from Rossi (2005), Seixas (2003) and Lage (2008). As a result of this research, we can affirm that the journalistic genres build their meanings sometimes expressing a more subjective emotive/evaluative tone, emotionally provoking the enunciatee, and sometimes exposing statistical data and presenting comparisons and scientific studies, among other facts, in order to convey an idea of objectivity, however, leaving traces of opinion through the enunciator’s linguistic choices. The photographs reiterate the impact caused by the disaster through the visual resources, evidencing expressivity with an emotive/evaluative tone of intensified desolation and destruction. Finally, the genre “song”, which belongs to the artistic literary sphere, explores the theme both in an informative and emotional way, constructing an effect of subjectivity and bringing, that way, enunciator and enunciatee together.

Key-words: Discourse genres. Dialogism. Style. Journalistic sphere. Artistic literary sphere.

1 Introdução

Em novembro de 2015, ocorreu uma tragédia ambiental em Mariana-MG, fato que comoveu o mundo. O rompimento de barragens da empresa Samarco causou um grande dano ambiental e social, pois pessoas perderam casas, parentes e, principalmente, sonhos construídos durante uma vida inteira. O impacto ambiental foi de grande dimensão, sendo considerado um dos maiores desastres já registrados no Brasil.

Esse fato obteve grande repercussão midiática e serviu de conteúdo temático para diversos gêneros que transmitiram, em âmbito mundial, os efeitos da tragédia. Jornais, revistas, programas de TV e reportagens foram os principais veículos que trouxeram as informações ao público. Porém, observamos a veiculação e/ou menção desse fato em diversos outros gêneros, tais como os artístico-literários, por meio de músicas críticas perante o que houve.

Como a comunicação faz parte da vida humana, é importante pensar que os gêneros do discurso se encontram presentes em todos os campos de atividade humana. Conforme exposto pelo Círculo de Mikhail Bakhtin¹, cada gênero atende a finalidades das diversas práxis humanas que compõem a construção linguística de uma sociedade. Observamos que o diálogo entre esses gêneros amplia a possibilidade de interpretações e sentidos construídos em diversos contextos com os quais deparamo-nos no dia-a-dia. Desse modo, diferentes enunciados podem possuir um mesmo tema, porém apresentar sentidos diversos, por conta de seu estilo, assim como de sua estrutura composicional e diálogo com outros enunciados, discursos e sujeitos.

Os enunciados são constituídos por três elementos: conteúdo temático, que abrange o objeto referencial ao qual o enunciado se direciona; estilo, que trata das escolhas linguísticas, no caso dos enunciados verbais, e das escolhas visuais dos não verbais e que expressam diferentes valorações, inclusive pelos diálogos do enunciadador com seu enunciatário, levando em consideração sua posição social e política sob um contexto sócio-histórico e cultural, e seu conhecimento perante o objeto de sua fala. Por fim, a estrutura composicional abrange o fator organizacional que, normalmente, possui características relativamente estáveis moldadas a partir de determinados gêneros. Esses três elementos refletem o objetivo enunciativo e sofrem modificações de acordo com o tipo de gênero, o contexto de uso e a relação entre os sujeitos da comunicação.

O objetivo deste trabalho, portanto, é analisar os discursos veiculados nos diversos enunciados que apresentam o conteúdo temático da “tragédia de Mariana”, assim como os efeitos de sentido construídos não somente pelas escolhas linguísticas e visuais, que configuram o estilo, mas também, pela estrutura

¹O Círculo de Mikhail Bakhtin é composto por estudiosos como o próprio Bakhtin, Voloshinov, Medviédev, entre outros.

composicional de cada gênero e pelos diferentes diálogos com outros enunciados/discursos.

Assim, nosso intuito é responder às seguintes questões: como as escolhas linguísticas e visuais constroem os efeitos de sentidos nos discursos jornalísticos, nas fotografias e na canção? Quais os diálogos presentes nesses enunciados? Como a relação enunciator/enunciatário contribui para o estilo desses enunciados? O que se verifica sobre a expressão emotivo-valorativa dos enunciados analisados? É possível afirmar que esses enunciados da esfera jornalística são isentos de opinião? Quais os valores sociais veiculados? Há influência de outros enunciados/gêneros e/ou discursos?

Desse modo, a problemática de nossa pesquisa é compreender as diferentes construções discursivas em enunciados da esfera jornalística, como as notícias e as fotografias, e da esfera artístico-literária, no caso, a canção “Cacimba de Mágoa”, composta por Gabriel, o Pensador e o grupo Falamansa.

Para tanto, nosso *corpus* consiste em três notícias jornalísticas, de modo a apresentar diversas formas de exploração do conteúdo temático, “Tragédia de Mariana”. A primeira notícia trata das pessoas afetadas pela tragédia, com o intuito discursivo de reiterar o impacto social causado. A segunda explora o lado corporativo, tratando do prejuízo causado à empresa responsável pela tragédia, Samarco, e a última possui como foco o lado ambiental, reiterando as consequências trazidas ao meio ambiente. Duas imagens, atreladas a esse conteúdo temático, foram analisadas, pois promovem uma construção pautada sobre polos opostos que enfatizam a situação. Esses enunciados, pertencentes aos gêneros jornalísticos, foram escolhidos para a compreensão da construção discursiva de cada um e, por meio do estilo, é possível encontrar, apesar da pretensão pela objetividade e neutralidade nesse tipo de gênero, vestígios de opinião dos enunciatóres. Ademais, com a finalidade de identificar o dialogismo existente entre os gêneros e a construção semântica dos gêneros artístico-literários, analisamos a canção “Cacimba de Mágoa” que também possui como temática a “tragédia de Mariana”.

Para tanto, nosso referencial teórico-metodológico são as reflexões sobre gêneros discursivos e dialogismo do Círculo de Bakhtin e seus comentadores, entre eles, Machado (2007), Discini (2010), Brait (2007), Marquezan (2006) e

Fiorin(2006). A respeito dos gêneros jornalísticos, utilizamos os estudos de Rossi (2005), Seixas (2003) e Lage (2008).

O primeiro capítulo de nosso trabalho é subdividido em três partes: na primeira parte, apresentamos os gêneros do discurso, ou seja, as características e elementos que compõem o enunciado. A segunda parte trata do dialogismo, característica essencial da linguagem, visto que o sujeito sempre enuncia a partir do outro e para o outro, construindo, desse modo, um elo na cadeia comunicativa. Por último, tratamos sobre os gêneros jornalísticos, em especial, sua finalidade de informar o leitor.

No segundo capítulo, foi apresentado um breve histórico da tragédia de Mariana, temática de nosso trabalho, para então iniciarmos as análises das notícias jornalísticas, de modo a observar a construção discursiva de cada artigo, os intuítos discursivos e as ideologias veiculadas. Também analisamos duas fotografias que retratam o desastre ambiental de Mariana para compreendermos como os recursos visuais contribuem para a veiculação de ideias e de expressão de um tom emotivo-valorativo.

No último capítulo, analisamos a letra da canção “Cacimba de Mágoa”. Por pertencer aos gêneros artístico-literários, sua composição se apresenta de maneira mais subjetiva, pois é evidenciado um tom emotivo-valorativo mais intenso, numa mescla entre fato ocorrido e construção discursiva. Com isso, buscamos compreender diferentes gêneros que tratam do mesmo conteúdo temático, mas com estilos e construções composicionais diversas, assim como também procuramos entender o processo dialógico entre esses enunciados.

2 A ponte para comunicação: um estudo sobre gêneros discursivos

2.1 Os gêneros discursivos: algumas reflexões

De acordo com Bakhtin (2003), em todas as atividades humanas utiliza-se a linguagem e esse uso é bastante variado. Nessa perspectiva, a língua é efetivada por meio de enunciados, tanto orais quanto escritos, que atendem as finalidades dos diferentes campos das atividades humanas. Esses enunciados são constituídos a partir de três elementos – conteúdo temático, estilo e construção composicional, que estão intrinsecamente relacionados. Assim, cada esfera da

práxis humana elabora seus tipos de enunciados relativamente estáveis, denominados gêneros do discurso.

As primeiras teorias a respeito de gêneros tinham embasamento de acordo com a poética clássica, conforme exposto por Machado (2007). Aristóteles, em sua obra *Poética*, faz a classificação dos gêneros como obras orais estabelecidas por meio da representação mimética. É uma divisão dos gêneros chamada tripartida em que a poesia de primeira voz era a lírica, a de segunda voz a épica e, em seguida, a poesia de terceira voz, o drama. Essa divisão é bastante simples, tratando-se que seu modo de uso era somente a voz. Anteriormente a Aristóteles, Platão havia proposto uma maneira de classificação binária e, de acordo com essa perspectiva, as obras eram representativas de juízos de valor. De acordo com essa abordagem, ao gênero sério pertencia a epopeia e a tragédia, e ao burlesco, a comédia e a sátira. Essas bases teóricas são importantes até hoje, pois orientaram os estudiosos para que obtivessem os avanços necessários sobre gêneros discursivos.

Machado (2007) apresenta a afirmação de Bakhtin sobre a necessidade de reflexões mais aprofundadas sobre a questão da prosaica e seus diferentes usos da linguagem e discursos, se tornando o estudo sobre os gêneros um dos aspectos centrais de suas discussões pelo fato de a prosa ter sido a grande responsável pelo desenvolvimento das pesquisas, distanciando-se, inclusive, das teorias clássicas de Aristóteles. Essa mudança de perspectiva foi um grande avanço, pois possibilitou aos estudiosos abordarem outros campos de atividade humana, ou seja, gêneros que nunca foram evidenciados. Principalmente, hoje, em se tratando de enunciados advindos do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação (TIC), como os dos meios de comunicação de massa ou das mídias digitais.

Bakhtin, por meio dos estudos sobre a prosa chegou ao romance. De acordo com Machado (2007, p.153), “o romance só lhe interessou porque nele Bakhtin encontrou a representação da voz na figura dos homens que falam, discutem ideias, procuram posicionar-se no mundo”. Portanto, de certo modo, seus estudos foram elaborados e apresentados por meio da relação entre os indivíduos e suas trocas de enunciados, posicionamentos e pontos de vista. Além de todas as interações possíveis nesse gênero, pode-se atentar a questão das diferentes

tradições existentes que possibilitam a criação e modificação de vários gêneros. Completando, Machado afirma que

Mais do que reverter o quadro estético das criações estéticas, o dialogismo, ao valorizar o estudo dos gêneros, descobriu um excelente recurso para “radiografar” o hibridismo, a heteroglossia e a pluralidade de sistemas de signos na cultura (MACHADO, 2007, p.153).

Os gêneros discursivos, de acordo com Bakhtin (2003), são ricos e diversos simplesmente pelo fato de que as atividades humanas também são diversas e inesgotáveis, e todas essas atividades se dão e se constroem por meio desses gêneros que vão se desenvolvendo e se aprimorando a partir de seu uso. Bakhtin lembra também que os gêneros são heterogêneos, e que sua estruturação se diferencia nos diversos diálogos cotidianos, desde uma carta, um relato oral ou escrito, até documentos oficiais complexos e bem elaborados, textos científicos e literários etc.

A respeito da heterogeneidade dos gêneros, Bakhtin afirma que

A heterogeneidade funcional, como se pode pensar, torna os traços gerais dos gêneros discursivos demasiadamente abstratos e vazios. A isto provavelmente se deve o fato de que a questão geral dos gêneros discursivos nunca foi verdadeiramente colocada. Estudavam-se – e mais que tudo – os gêneros literários. Mas da Antiguidade aos nossos dias eles foram estudados num corte da sua especificidade artístico-literária, nas distinções diferenciais entre eles (no âmbito da literatura) e não como determinados tipos de enunciados, que são diferentes de outros tipos mas têm com estes uma natureza *verbal* (linguística) comum (BAKHTIN, 2003, p.262).

Na Antiguidade, já se faziam estudos sobre os gêneros, que eram divididos em duas classes – os retóricos e os discursivos do cotidiano, este baseando-se nos discursos do dia-a-dia, e aquele, como o próprio nome já diz, baseando-se no discursos mais elaborados. Porém, nenhum desses estudos encobria sua natureza linguística geral

A noção clássica dos gêneros poéticos, de certa forma, era marcada pela rigidez, rigor, ordem e também pelo purismo exacerbado. Os gêneros prosaicos são totalmente reversos a esse ponto de vista, pois são caracterizados pela capacidade de se modificar e sofrer influências, ou seja, são pluriestilísticos, neles se encontram: paródia, estilização, linguagem carnalizada, heteroglossia. Acerca disso, Machado (2007, p.153) afirma que “tal variedade e mobilidade discursivas

promoveram a emergência da prosa e o conseqüente processo de prosificação da cultura”.

De acordo com Bakhtin (2003), é essencial dar atenção às diferenças existentes entre os gêneros do discurso, e não esquecer de sua heterogeneidade, como informado anteriormente.

Os gêneros são divididos entre primários, que são os mais simples, e secundários, os mais complexos. Os gêneros discursivos secundários são formados a partir da elaboração dos gêneros primários, e eles surgem num meio cultural mais formal e organizado, manifestando-se com maior predominância na escrita. Podemos citar como exemplo os enunciados literários e científicos. Os gêneros primários acabam por integrar os secundários, e assim passam a apresentar um caráter especial, pois perdem o vínculo com a realidade em que são utilizados. Para melhor exemplificar esse fenômeno, Bakhtin dá o exemplo dos diálogos cotidianos presentes no romance, e afirma que

[...] ao manterem a sua forma e o significado cotidiano apenas no plano do conteúdo romanesco, integram a realidade concreta apenas através do conjunto do romance, ou seja, como acontecimento artístico-literário e não da vida cotidiana (BAKHTIN, 2003, p. 264).

Para complementar o que foi dito, citamos Machado (2007) que expõe em seu texto sobre a divisão dos gêneros feita por Bakhtin. Os gêneros discursivos surgem de acordo com a emergência da prosa, pois nela estão todas as atividades desenvolvidas pelos indivíduos, desde os diálogos cotidianos e também enunciações da vida pública, como um trabalho científico, um discurso político. É por essa perspectiva que Bakhtin divide os gêneros entre primários, que derivam da comunicação cotidiana, e os gêneros secundários, que fazem parte os códigos culturais que possuem maior elaboração, como a escrita.

Nesse contexto, de acordo com Machado (2007, p.155)

Assim um diálogo perde sua relação com o contexto da comunicação ordinária quando entra, por exemplo, para um texto artístico, uma entrevista jornalística, um romance ou uma crônica. Adquire, assim os matizes desse novo contexto. Em último caso, o estudo dos gêneros discursivos considera, sobretudo, “a natureza do enunciado” em sua diversidade e nas diferentes esferas da atividade comunicacional (MACHADO, 2007, p.155).

Bakhtin (2003) expõe que o estudo do enunciado e dos diferentes gêneros discursivos é de extrema importância para a maioria dos campos da linguística, pois todos os materiais linguísticos são formados por enunciados concretos. Desconhecer a natureza do enunciado e dos gêneros do discurso leva a um estudo menos complexo e “[...] redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida” (BAKHTIN, 2003, p.265).

Como já tratamos da importância do enunciado e dos gêneros do discurso, assim fazendo uma introdução ao nosso campo de pesquisa, refletimos sobre o estilo e a estrutura composicional dos enunciados.

Primeiramente, Bakhtin trata da estilística dizendo que ela está completamente ligada aos tipos enunciativos e aos gêneros do discurso. Explica, ainda, que os enunciados são construções individuais e que, por esse motivo, cada um possui um estilo próprio, que reflete a individualidade do falante enunciadador. Contudo, não são todos os gêneros do discurso que permitem uma análise baseada nesse fator da individualidade estilística. Os gêneros literários são os que expressam mais essa individualidade, pois permitem empregos dos recursos linguísticos mais criativos e diferenciados. Já os documentos oficiais, os de cunho mais formal e direto, seguem uma padronização, não podendo, assim, serem estudados a partir de sua individualidade.

O modo de dizer de um sujeito, de acordo com Discini (2010), envolve sua identidade, construída, inclusive, pela alteridade. Ao estudar sobre o discurso e filosofia bakhtinianas, não refletimos somente sobre o estilo, mas pensamos também sobre a natureza da linguagem.

Discini cita Bakhtin que relata a importância do texto como objeto de estudo das Ciências Humanas:

O que nos interessa, nas ciências humanas, é a história do pensamento orientada para o pensamento, o sentido, o significado do outro, que se manifestam e se apresentam ao pesquisador somente em forma de texto. Quaisquer que sejam os objetivos de um estudo, o ponto de partida só pode ser o texto (BAKHTIN apud DISCINI, 2010, p.330).

A partir dessa ideia, Bakhtin trata da questão do signo e sua valoração ideológica, partindo do ponto de que a linguagem é ideológica por si só, portanto em todo enunciado vincula-se uma ideologia, referindo-se à compreensão do indivíduo,

explicando que “a atividade mental é então explicada como “signo interior”, por sua vez complementar ao “signo exterior”, puramente ideológico” (Discini, 2010).

Bakhtin (2003) também discute sobre a divergência entre a língua e a estilística, explicando que, apesar de o estudo da primeira ser diferente do estudo da estilística, não se pode dispensar as bases dessa para seus estudos. Por conseguinte, um fenômeno de linguagem pode ser analisado apenas no sistema linguístico, mas quando é analisado num “conjunto de um enunciado individual ou do gênero discursivo” (BAKHTIN, 2003, p.269) trata-se de um fenômeno estilístico, isso porque a própria escolha que o falante faz de sua forma linguística é uma manifestação estilística.

A relação entre o estilo e os gêneros traz à tona a questão dos estilos de linguagem ou funcionais, que seriam nada mais que os gêneros do discurso utilizados em determinados campos das atividades humanas e comunicativas. Isto é, em cada situação, utiliza-se um gênero que reflete as condições e funções necessárias para o desenvolvimento de cada uma delas, e que esses diferentes usos irão gerar os gêneros discursivos, ou melhor dizendo, os “[...] determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis” (BAKHTIN, 2003, p. 266).

Os gêneros discursivos são utilizados de acordo com a necessidade de determinado indivíduo, dependendo também do ambiente em que se encontra, da situação comunicativa (contexto), da relação entre sujeitos da comunicação, das finalidades de cada esfera e dos valores sociais. Por exemplo, no ambiente de trabalho, seu discurso tem que ser de acordo com o ambiente, não utilizando palavras de baixo calão, sempre se mantendo de acordo com sua posição. Portanto, a comunicação humana, nesse aspecto, atende finalidades sempre ligadas ao ambiente em que se está inserido.

Os gêneros não podem ser pensados fora da dimensão espaço-temporal, portanto todos os enunciados existentes são elos de uma cadeia discursiva que se conecta por meio das categorias do tempo e espaço, denominadas, por Bakhtin, de cronotopo. Dessa forma, os gêneros passam a existir devido à cultura em que estão inseridos, sendo esse aspecto importante para o entendimento acerca das relações dialógicas existentes. Um gênero nasce perante certa cultura, ou seja, tem existência cultural, portanto, um gênero nasce a partir de

outro, não possui uma morte definitiva, pois sempre se renova. Um exemplo que pode ser apresentado é a leitura de uma obra clássica, os indivíduos de sua época fizeram uma leitura diferente, que séculos depois produz um outro efeito sobre as pessoas. Dessa forma, evidencia-se a questão espaço-tempo que caracteriza a atemporalidade do gênero.

Apesar de o estilo ser um dos elementos do enunciado, inseparável tanto dos conteúdos temáticos, quanto das estruturas composicionais, pode ser estudado de forma independente. Porém, para seu estudo, é necessário o conhecimento prévio das modalidades dos gêneros, levando em conta a natureza dos estilos da linguagem que, por sua vez, não possuem uma classificação absoluta.

As mudanças históricas dos estilos de linguagem têm grande relação com as mudanças ocorridas nos gêneros discursivos. Nessa concepção, linguagem e gêneros estão intensamente ligados, e se modificam ao longo do tempo de maneira interdependente. Bakhtin afirma que

Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos (BAKHTIN, 2003, p.268).

O tom e o estilo da linguagem evoluem e alternam em diferentes épocas. Os gêneros vão se renovando e se reconstruindo a partir da ampliação da linguagem literária “à custa das diversas camadas extraliterárias da língua nacional” (BAKHTIN, 2003, p.268). Quando tratamos dessas camadas extraliterárias da língua nacional, tratamos também dos gêneros do discurso. Essas camadas referem-se, frequentemente, aos gêneros de conversação e diálogo e, por meio delas ocorre o que Bakhtin chama de dialogização dos gêneros secundários. Por isso, podemos dizer que a transição do estilo entre gêneros pode tanto destruir ou renovar determinado gênero.

A reflexão bakhtiniana está fundada na relação “eu” mais o “outro”, ou seja, as múltiplas vozes que se encontram e se fundem para a formação de um enunciado singular. Dessa maneira, estilo não pode ser considerado como algo particular ou individual, como tradicionalmente a estilística clássica define. Segundo Brait (2007, p.80)

[...]estilo se apresenta como um dos conceitos centrais para se perceber, a contrapelo, o que significa, no conjunto das reflexões bakhtinianas, dialogismo, ou seja, esse elemento constitutivo da linguagem, esse princípio que rege a produção e a compreensão dos sentidos, essa fronteira em que eu/outro se interdefinem, se interpenetram, sem se fundirem ou se confundirem.

A questão de estilo para Bakhtin é associada a escolhas linguísticas, ou seja, escolhas lexicais, fraseológicas, sintáticas etc. Para estudar o estilo, Bakhtin procura na literatura o ponto-chave das características de dois autores, Dostoiévski e Rabelais. Não podemos deixar de considerar que não existe obra pura ou mesmo indivíduos que não são confrontados e remoldados a partir de outros discursos e de outros enunciados. Bakhtin, questionando sobre uma citação do linguista francês Buffon, afirma que

“O estilo é o homem”, dizem; mas poderíamos dizer: o estilo é pelo menos duas pessoas ou, mais precisamente, uma pessoa mais seu grupo social na forma do seu representante autorizado, o ouvinte – o participante constante na fala interior e exterior de uma pessoa (BAKHTIN apud BRAIT, 2007, p.83).

É possível, a partir dessa afirmação, considerar que o estilo é moldado a partir do outro, ou seja, de outros enunciados, outros discursos. Para compreendermos as questões sobre estilo, Brait (2007) afirma que são necessários exemplos que o caracterizam, como os jornais que propiciam ao leitor as informações, as notícias do dia-a-dia de uma cidade ou país. O estilo é encontrado já na capa do jornal onde se apresentam vários enunciados, manchetes, textos informativos, imagens. A respeito disso, Brait a partir das reflexões do Circulo de Bakhtin, também apresenta o conceito de recursos verbo-visuais (já que nos estudos bakhtinianos há referência somente aos recursos linguísticos), ou seja, a relação imagem e texto nos jornais. Dessa maneira, Brait (2007, p.84) afirma que

[...] bastaria acompanhar as primeiras páginas de alguns jornais diários, ou as capas de algumas revistas semanais, para aí encontrar o “estilo” do jornal, o “estilo” da revista, sempre estabelecido a partir não apenas dos assuntos em pauta do dia, mas das escolhas verbo-visuais que são feitas para expor esses tópicos, e, também, da relação que o jornal mantém, ou pretende manter, com seus leitores. Em época de eleição, o estilo se revela de forma abundante e quase óbvia.

As manchetes atreladas ao texto e imagens podem ser consideradas em um jornal como um gênero informativo, não quer dizer que esse seja um padrão

adotado por todos os jornais. De um modo geral, as relações verbo-visuais acontecem frequentemente, dependendo do jornal, de uma forma mais intensa ou não, portanto o estilo de um jornal A não é igual ao de um jornal B. Os enunciados (manchetes ou textos informativos) juntamente com as imagens vão construindo o sentido das notícias pelo fato de estarem associadas e permitirem ao leitor a interpretação do acontecimento enunciado.

Os gêneros do discurso estão presentes na sociedade. Em todos os lugares possíveis que há a interação com outro indivíduo, há um gênero que está sendo evidenciado e transmitido por meio de enunciados concretos. Ainda a respeito do estilo dos gêneros, é importante ressaltar que cada gênero possui seu estilo e que eles podem se modificar com o tempo, pois as pessoas, os enunciados e a evolução dos seres humanos tornam-se responsáveis pela modificação e reconstrução dos gêneros. O jornal é um bom exemplo de modificação de um estilo, antigamente era comum ler jornais impressos, mas, no mundo contemporâneo e pelo fato do avanço da tecnologia, foram modificando-se os veículos de comunicação. Hoje, os principais jornais do mundo possuem suas versões virtuais. Outro exemplo foi a criação de redes sociais que são novos gêneros. Portanto, os gêneros estão em constante construção e reconstrução. Para completar essa afirmação, Brait (2007, p.88) afirma que

Para definir os gêneros discursivos, um dos aspectos destacados é o fato de que eles transitam por todas as atividades humanas e devem ser pensados, culturalmente, a partir de temas, formas de composição e estilo. Isso significa que, além da atividade literária, todas as demais atividades implicam gêneros e, conseqüentemente, estilos.

Os gêneros também podem transformar-se em outros gêneros, ou seja, uma obra literária pode se tornar um filme, conseqüentemente, ocorrerá a mudança de um gênero para outro e também o estilo será requalificado de acordo com a necessidade. Voltando à obra literária, é comum como estilo do autor utilizar-se de escolhas linguísticas para a posterior construção discursiva. Quando ocorre a mutação para o gênero cinema, também irão ocorrer outras escolhas linguísticas, mas, de uma maneira que possa entender o significante de tais escolhas.

Além disso, há a questão das imagens que não são criadas em nossas mentes, pois são transmitidas por um veículo de comunicação como o cinema ou a televisão.

Para um leitor de uma obra como “Os lusíadas” de Camões, caso fosse recriada e transportada para o gênero filme, um leitor atento identificaria as diferenças não apenas visuais, mas conteudísticas que o filme iria ter, pelo fato de que nem todas as informações seriam passadas por meio do “gênero” filme, portanto, seria considerado um interdiscurso entre as duas vertentes.

Como sabemos, o estudo dos gêneros discursivos é de extrema importância para a análise das manifestações linguísticas e, por ser o discurso um conjunto de enunciados, seu estudo é essencial.

No século XIX, a linguística se formava por diversos postulados, muitos deles não apresentando a linguagem pela sua função comunicativa. Wilhelm Humboldt afirmava que a língua é uma condição do pensamento humano. Já Vossler falava sobre a função expressiva da linguagem, dizendo que ela se formava pela necessidade do homem de se expressar. Essas duas concepções sobre as funções da linguagem, entre outras apresentadas na época, sempre deixaram a função comunicativa em segundo plano, afirmando que a linguagem, ou melhor dizendo, o enunciado, só deveria satisfazer ao falante e ao objeto de sua fala, e o ouvinte – quando levado em consideração – só estaria ali para compreender a mensagem desse falante. Em outras palavras, acreditava-se que “[...] a língua necessita apenas do falante – de um falante – e do objeto de sua fala” (BAKHTIN, 2003, p.270).

Em contraposição a essas ideias, Bakhtin afirma que o grupo linguístico, ou seja, os falantes envolvidos numa situação comunicativa devem ser levados em consideração também e não podem ser ignorados em hipótese alguma. As noções de *ouvinte* e *entendedor*, que acabam por tratar o outro apenas como um “parceiro do falante”, sem trazer à tona seu papel ativo na comunicação, somente corrompem toda a complexidade do processo da comunicação discursiva. Toda enunciação é responsiva, dessa forma, o ouvinte, a partir da compreensão do discurso que lhe foi enunciado, poderá se inserir como falante na comunicação discursiva, passando a ser não só o que ouve e compreende o que lhe foi falado,

mas aquele que produz um enunciado de forma a responder o que ouviu, e vice-versa. Para Bakhtin (2003, p. 271)

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta em voz real alta.

A compreensão do enunciado é apenas uma fase inicial que prepara para uma ação responsiva, e, assim como o ouvinte compreende o enunciado e responde por meio de um outro, o próprio falante já espera uma resposta do seu parceiro da comunicação discursiva.

Como podemos perceber, numa comunicação discursiva, tanto ouvinte quanto falante possui um papel completamente ativo, tornando evidente que essa comunicação é uma troca de papéis entre os dois. Ao mesmo tempo que um falante enuncia algo e um ouvinte o compreende, esse ouvinte, por meio de uma ação responsiva, torna-se falante, e o falante torna-se ouvinte.

Nesse ponto, Bakhtin questiona o que é chamado por “fala”, e afirma que “fala” nada mais é do que o próprio discurso que, por sua vez, possui como principal unidade o enunciado. Sendo assim, o discurso é um conjunto de enunciações concretas de determinados falantes, ou seja, os sujeitos do discurso. O discurso só existe em forma de enunciado e, apesar de cada enunciação ser única, elas possuem características comuns entre si e “limites absolutamente precisos” (BAKHTIN, 2003, p. 274). Esses limites se definem pela alternância dos sujeitos do discurso na comunicação discursiva. De modo a entender melhor o que são esses limites, é preciso ter em mente que todo enunciado possui um princípio e um fim absoluto, que Bakhtin (2003) apresenta da seguinte forma:

[...] antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros. [...] O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso (BAKHTIN, 2003, p. 275).

Esses limites precisos são simplesmente caracterizados pela alternância entre os sujeitos do discurso, cujos enunciados podem ocorrer

nos diversos campos da atividade humana, desde a linguagem real e cotidiana (os diálogos) até os discursos mais complexos. Nos diálogos reais, essa alternância é evidenciada, por isso o diálogo é a forma clássica de comunicação discursiva, quando ocorre a alternância de enunciações entre os interlocutores, chamadas réplicas, que estão interligadas e exprimem a posição do falante e uma ação responsiva posterior por parte do ouvinte.

Já nos gêneros secundários do discurso, a alternância ocorre de maneira diferente, pois, nessa situação, o falante ou escritor provoca uma comunicação discursiva consigo, responde suas questões, faz objeções a si mesmo. Além disso, não podemos desprezar o fato de que uma obra comunica com as diversas obras nas quais o autor se baseou, com as que pertencem a essa mesma corrente, entre outras. A revelação de sua individualidade nas diversas maneiras que o autor expõe suas ideias e constrói seu texto traz à obra um caráter interno que a diferencia de outras a ela vinculadas no processo de comunicação discursiva (BAKHTIN, 2003). Ademais, tais fenômenos ocorrentes nesse tipo de discurso são representações do que ocorre na comunicação nos gêneros primários, que pode ser explicado também pelo fato de que os gêneros secundários do discurso se formaram a partir da elaboração dos primários.

Bakhtin evidencia dois fatores que podem nos fazer entender o texto como um enunciado, que são: seu projeto (a intenção) e a execução desse projeto. A enunciação seria o sujeito que enuncia no texto, assim descrito como enunciado.

Bakhtin traz, então, o seguinte questionamento: "O que é então 'o nosso discurso'?" (BAKHTIN, 1997, p.292). Pode-se responder que, por meio de nosso discurso, o indivíduo pode ser entendido como o sujeito discursivo. Segundo (DISCINI, 2010, p.124), "somos levados a constatar que discurso é fala, na medida em que esta é concebida como enunciado concreto".

Para Discini (2010), existem três dimensões que nos fazem ter visões maiores sobre o que é o discurso, dimensões essas que serão mencionadas a seguir.

A primeira acepção se trata do nível discursivo dos textos, em que se podem encontrar a semântica e a sintaxe em formas discursivas:

Faz destacarem-se mecanismos argumentativos para a construção da pessoa, tempo e espaço. Para a pessoa, encontramos efeitos de sentido

como o de subjetividade, dado por meio do uso da primeira pessoa gramatical, entre outros recursos. Para essa categoria encontramos também efeitos de sentido como o de vozes delegadas que se enfrentam num diálogo face a face e instituem, em segundo grau, o 'eu' e o 'tu' por meio do uso do discurso direto (DISCINI, 2010, p.124).

A semântica discursiva seria o significado do fato escrito, aquilo que concretiza as ideias e observa-se a tematização como uma formulação abstrata dos valores dentro do discurso. Com essa primeira acepção, enxergamos o discurso de uma forma mais ampla, e ela é totalmente necessária para os estudos posteriores.

A segunda acepção do discurso, trata-se do enunciado concreto, por meio do qual se consegue identificar o tipo de discurso, como, por exemplo, religioso, jurídico, escolar, literário, folclórico, científico, entre outros. Assim, conseguimos identificar o estilo dos gêneros. Por exemplo, em um discurso religioso, trataremos de questões como a 'A Palavra do Pai', 'leis religiosas', assim fazendo com que identifiquemos o tipo de discurso de que se trata.

Na terceira acepção do discurso, são tratadas possibilidades de realização. Primeiramente, uma atitude analítica, em que a semântica fica em relevância.

Essa terceira dimensão, tal qual as anteriores, contempla a noção bakhtiniana de cadeia verbal e ainda como as anteriores é proposta como sugestão de critério de operacionalização da noção de discurso. Temos discursos conceituados segundo a ativação do confronto entre entonações ou centro de valores contrariamente recíprocos (DISCINI, 2010, p.136).

Em se tratando do enunciado, Bakhtin diz que a alternância entre os sujeitos é a primeira peculiaridade de sua constituição como unidade da comunicação discursiva, diferenciando-o da unidade da língua. A segunda peculiaridade é a sua conclusibilidade, e possui grande vínculo com a primeira. A conclusibilidade parte do fator que, para a ocorrência da alternância entre os sujeitos, ou melhor dizendo, para que haja uma ação responsiva, o falante deve concluir tudo o que quis dizer e, apesar de ser possível identificarmos o fim de um enunciado, existem alguns critérios para que essa conclusibilidade ocorra. A respeito desses critérios,

O primeiro e mais importante critério de conclusibilidade do enunciado é a possibilidade de responder a ele, em termos mais precisos e amplos, de ocupar em relação a ele uma posição responsiva (por exemplo, cumprir uma ordem). [...] Alguma conclusibilidade é necessária para que se possa responder ao enunciado. Para isso não basta que o enunciado seja

compreendido no sentido de *língua*. Uma oração absolutamente compreensível e acabada, se é oração e não enunciado constituído por uma oração, não pode suscitar atitude responsiva: isso é compreensível mas ainda não é *tudo*. Esse *tudo* – indício da *inteireza* do enunciado – não se presta a uma definição nem gramática nem abstrato-semântica (BAKHTIN, 2003, p. 280).

Três fatores determinam essa inteireza do enunciado. O primeiro fator é a exauribilidade do objeto e do sentido e diz respeito ao fato de que, apesar de o objeto ser abundante, inexaurível, conforme exposto por Bakhtin, quando ele se torna tema de um enunciado, adquire uma conclusibilidade de acordo com a forma que o autor quer expor suas ideias já definidas.

Essa exauribilidade está intimamente ligada ao segundo fator determinante, o projeto de discurso ou vontade de discurso do falante. Conseguimos sentir a intenção do falante a partir de seus enunciados, imaginamos o real motivo por trás do que foi dito. Sendo assim, a partir da ideia que temos sobre o que foi dito e do que conseguimos entender, medimos a conclusibilidade desse enunciado (BAKHTIN, 2003), ou seja, determinamos o objeto e também o próprio gênero de discurso ao qual o enunciado será construído.

O terceiro elemento, considerado o mais importante, trata das formas estáveis do gênero do enunciado. “A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de um certo gênero de discurso” (BAKHTIN, 2003, p. 282). Portanto, o falante adapta a sua intenção discursiva a um gênero de sua escolha, e desenvolve sua ideia por meio daquele gênero.

Isso mostra que tudo o que enunciamos ocorre por meio dos gêneros discursivos, em qualquer campo da atividade humana, desde uma simples conversa corriqueira, até aquelas mais formais e bem elaboradas, por mais que, muitas vezes, não reconhecemos por completo a existência desses gêneros. A enunciação é moldada pelos gêneros discursivos.

Adquirimos os gêneros de discurso praticamente da mesma forma que adquirimos nossa língua materna. Quando estamos aprendendo a falar, conseguimos fazer assimilações e reproduzir a fala por nosso contato com o mundo e com o outro. A partir daí, podemos introduzir os gêneros de discurso, pois assimilamos as formas da língua por meio de enunciados e discursos alheios. Assim, começamos a produzir nossos próprios enunciados, nosso próprio discurso. Como o enunciado é moldado a partir dos gêneros, conseguimos internalizá-los e

utilizá-los em nosso discurso, moldando nossa fala de acordo com determinados gêneros. Portanto, a comunicação discursiva só existe porque os gêneros de discurso existem e os dominamos.

É importante ressaltar que as formas de gênero se diferenciam das formas da língua, pois elas são mais flexíveis, ao contrário da língua com toda sua normatividade e estabilidade. Outro fator relevante é que os gêneros discursivos são diversos. A vontade discursiva do falante precisa basear-se em um gênero e são muitas as situações comunicativas e fatores que modificam o discurso: a posição social, o nível intelectual, a relação que se tem com a pessoa, como por exemplo, a forma de se falar com um familiar difere da forma de se falar com um ministro, ou com uma pessoa de uma posição que exige um respeito maior. Além disso, os gêneros discursivos utilizados em cada situação, principalmente no meio familiar ou mais informal, requerem certo tom expressivo que irá refletir a individualidade do falante que, segundo Bakhtin, é denominada como “ideia discursivo-emocional”.

Para que o falante possa utilizar os gêneros de forma livre, é preciso que ele os domine. Assim, conseguirá expressar-se de maneira clara e exata e descobrirá sua própria individualidade.

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos. [...] Desse modo, ao falante não são dadas apenas as formas da língua nacional (a composição vocabular e a estrutura gramatical) obrigatórias para ele, mas também as formas de enunciado para ele obrigatórias, isto é, os gêneros de discurso: estes são tão indispensáveis para a compreensão mútua quanto as formas da língua. Os gêneros do discurso, comparados às formas da língua, são bem mais mutáveis, flexíveis e plásticos; entretanto, para o indivíduo falante eles têm significado normativo, não são criados por ele mas dados a ele. Por isso um enunciado singular [...] de forma alguma pode ser considerado uma *combinação absolutamente livre* de formas da língua [...] (BAKHTIN, 2003, p. 285).

É importante compreender que não se pode confundir enunciado com oração, pois uma oração, apesar de ser compreensível por ser uma unidade significativa da língua, não convoca uma ação responsiva, portanto, precisa tornar-se enunciado para que possa ser respondida. A oração promove o sentido por sua forma, porém, só poderá promover um sentido real na forma de um enunciado. A oração não pertence a um falante, ela simplesmente existe, “e só funcionando como enunciado pleno ela se torna expressão da posição do falante individual em uma situação concreta de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p. 289). Isso

exemplifica a relação existente entre o enunciado e os indivíduos da comunicação discursiva, sendo esta a terceira peculiaridade do enunciado após termos discutido sobre a alternância entre os sujeitos e a conclusibilidade.

Bakhtin diz que todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e que, a partir dele, o falante se posiciona nos campos do objeto e do sentido. O falante escolhe o gênero e os meios linguísticos que irá utilizar em seu enunciado a partir desses dois campos, do objeto e do sentido. Este é o primeiro elemento do enunciado que determina seu estilo e composição. Como segundo elemento, temos a relação subjetiva emocionalmente valorativa que o falante possui com o objeto de seu enunciado e que, conseqüentemente, abrange o seu sentido (BAKHTIN, 2003). O enunciado se modifica de acordo com os sentimentos do falante perante o objeto de sua fala, dessa forma, cria um caráter expressivo. Essa expressividade revela o estilo do enunciado, a partir da seleção dos recursos estilísticos, compreendidos como escolhas linguísticas e, no contexto do enunciado não verbal, de recursos visuais.

Esse elemento expressivo do enunciado não pode ser caracterizado como sendo fenômeno do sistema linguístico, pois, apesar de a língua fornecer diversos recursos que utilizamos para expressar nossas emoções, ou como Bakhtin apresenta, nossa posição emocionalmente valorativa, todos esses recursos só apresentarão um valor emocional quando utilizados em um enunciado. Fora isso, não passam de uma simples unidade da língua, neutra e ausente de emoção.

O mesmo acontece com a oração enquanto unidade da língua, evidenciando mais um fator que a distingue de um enunciado. “A entonação expressiva é um traço constitutivo do enunciado. [...] fora dele, ela não existe” (BAKHTIN, 2003, p. 291). Citemos, por exemplo, a oração “O menino caiu”. Essa oração não apresenta nenhum valor emocional, pois não está inserida em um contexto de enunciado, portanto, é impossível sua interpretação de forma exata. Poderíamos imaginar que a oração relata um sentimento de desespero, de satisfação, de tristeza, contudo, é simplesmente fruto do que pensamos ser, pois a oração em si é desprovida de expressão e somente como enunciado pleno que o valor emocional é atribuído a ela.

Bakhtin rejeita a ideia de que o tom emocional é pertencente a cada palavra da língua, e diz que mesmo as palavras que representam alguma emoção,

tais como, “alegria”, “raiva”, entre outras, não expressam emoção nenhuma se não estiverem num contexto enunciativo. O falante traz o significado da palavra a um contexto real na forma de um enunciado e, a partir daí, cria-se a expressão, a emoção, o juízo de valor.

Retomando o que foi dito anteriormente, não se deve pensar que as escolhas de palavras na construção do enunciado se baseiam apenas no sistema linguístico, pelo contrário, essas palavras, muitas vezes, são trazidas de outros enunciados, construindo relações em todas as suas características – temática, composicional e estilística –, portanto, escolhemo-las de acordo com o seu gênero, pois os gêneros são “uma forma típica do enunciado” (BAKHTIN, 2003, p. 293). Todos os gêneros, por serem forma típica do enunciado, possuem um tom expressivo, e esse tom expressivo não se dá pelo significado das palavras, mas sim por esse significado no contexto de determinado gênero. É como se o gênero fosse um revestimento da palavra.

As palavras são expressas de forma individual, e o valor expressivo dependerá do gênero em que são utilizadas (por exemplo, os gêneros literários, por serem mais subjetivos, possuem um valor emocional maior. A representação do “eu” nesse gênero é mais evidente e, como consequência, suas emoções), porém, como vimos, a expressão não pertence à palavra, e sim ao seu emprego em situações reais, possibilitado pelos enunciados. Bakhtin, sobre isso, afirma que o fato de as palavras possuírem um significado comum, que é neutro no sentido da expressividade, assegura para ela uma identidade e, dessa forma, torna-se possível sua compreensão para todos os falantes. Entretanto, todas as palavras são empregadas de modo individual e, quando utilizadas em enunciados, tornam-se únicas, pois cada contexto de uso é diferente, e cada falante se expressa de uma forma distinta.

Em vista da afirmação de Bakhtin exposta anteriormente, de que os nossos enunciados se baseiam em outros enunciados e em outros gêneros, temos todo um contexto histórico por trás disso. Bakhtin afirma que

Em cada época, em cada círculo social, em cada micromundo familiar, de amigos e conhecidos, de colegas, em que o homem cresce e vive, sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom, como as obras de arte, ciência, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem. [...] Eis por que a experiência discursiva

individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros (BAKHTIN, 2003, p. 294).

Isso nos mostra que os enunciados são construídos a partir de assimilações feitas de palavras alheias e evidencia o elo existente entre os enunciados na comunicação discursiva. Portanto, a expressão da palavra se dá num contexto de enunciação, baseada em enunciados individuais alheios, e vem sendo reelaborada por meio desses diversos enunciados produzidos por cada falante.

Em seu texto, a partir daí, Bakhtin retoma todos os conceitos apresentados anteriormente, reforçando o fato de que as orações e as palavras carecem de expressividade, são neutras, e por conta dessa neutralidade, podem ser utilizadas de maneira ampla em quaisquer enunciados e gêneros de discurso. A expressão se dá a partir da relação emocionalmente valorativa do falante com o objeto de sua fala que, em adição, cria uma relação semântica, considerada por Bakhtin como elemento semântico-objetual. Porém, não se pode afirmar que o falante se expressa somente a partir dessa relação, pois como mencionado anteriormente, ele se baseia em enunciados alheios, que foram utilizados em outros contextos e com expressividade distinta.

Bakhtin relata que qualquer enunciado, por mais que o falante, ou escritor, esteja concentrado no seu objeto, não deixa de criar uma relação com o que já foi dito sobre esse objeto, provocando também uma ação responsiva àquilo que já foi dito. Essa ação responsiva “irá manifestar-se na tonalidade do sentido, na tonalidade da expressão, na tonalidade do estilo, nos matizes mais sutis da composição” (BAKHTIN, 2003, p. 298). Como apresentado por Bakhtin (2003), o enunciado é pleno de tonalidades dialógicas e que, para entender sobre estilo, precisa-se entender sobre elas.

Por último, Bakhtin reforça que o papel do outro, a quem o enunciado é direcionado, é de extrema importância, pois ele que irá concluir o intuito do enunciado, ou seja, de promover a resposta que todo falante já aguarda ao enunciar algo. Os outros são, nesse sentido, participantes ativos da comunicação discursiva. A partir desse pensamento, apresenta uma característica essencial do enunciado, o seu endereçamento, ou melhor dizendo, a quem se direciona o enunciado. Seja em qualquer campo da atividade humana, em qualquer gênero, o enunciado é

direcionado a alguém, e espera-se que esse alguém promova uma ação responsiva. O falante, ao enunciar, já possui uma ideia, prevendo as objeções e/ou preferências dos seus destinatários, e constrói o enunciado a partir dessa ideia.

2.2 Dialogismo: o fluxo comunicativo

A linguagem tem como principal objetivo o diálogo, portanto é dialógica. Além do diálogo face a face que se apresenta por meio da comunicação cotidiana, identifica-se também uma corrente existente entre os enunciados proferidos, ou seja, um discurso apenas constrói-se com a companhia de outro discurso. Dessa forma, Fiorin (2006, p.19) comenta que

[...] todos os enunciados no processo de comunicação, independente de sua dimensão, são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio.

Marchezan (2006) também comenta sobre a questão dialógica do discurso em Bakhtin. De acordo com Holquist (1998) citado por Marchezan (2006, p. 116) “um diálogo no sistema de Bakhtin é um dado oriundo da experiência passível de servir de paradigma econômico para uma teoria que abarque dimensões mais globais”. Tais dimensões, melhor exemplificando, seriam a comunicação em si, porém, pode referir-se à linguagem, pois “a comunicação é a essência da linguagem” (MARCHEZAN, 2006, p. 116). Portanto, para se estudar o diálogo, é necessário ter em mente que devemos estudar, também, comunicação e linguagem.

O diálogo, como mencionado anteriormente neste trabalho, é a forma clássica de comunicação, a qual acontece pela alternância entre os sujeitos enunciadorees. Por meio de enunciados acabados (“relativamente” acabados por serem réplicas de outros enunciados e, a partir de sua enunciação, farão parte de todo o elo dialógico existente na comunicação), o outro é capaz de responder partindo de outros enunciados. Nesse sentido, o enunciado em si provoca uma ação responsiva. Desse modo, a linguagem possui um caráter dialógico, pois “qualquer

desempenho verbal é constituído numa relação, numa alternância de vozes” (MARCHEZAN, 2006, p. 117).

Os discursos estão em constante diálogo, seja concordando uns com os outros, ou mesmo apresentando pontos de vista diferentes. Um exemplo disso é quando alguém diz “Deus existe!”, esse enunciado pode ser aceito ou confrontado pelas pessoas. Dessa forma, os enunciados geram na comunicação discursiva diversos juízos de valor.

Um exemplo desses diversos pontos de vista que são estabelecidos nas relações dialógicas dos enunciados é apresentado por Fiorin (2006, p.24)

Um enunciado é sempre heterogêneo, pois ele revela duas posições, a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói. Ele exibe seu direito e seu avesso. Por exemplo, quando se afirma “Negros e brancos têm a mesma capacidade intelectual”, esse enunciado só faz sentido porque ele se constitui em contraposição a um enunciado racista, que preconiza a superioridade intelectual dos brancos em relação a outras etnias.

Nas relações dialógicas, existem, também, outras maneiras de marcar o discurso alheio que são visíveis nos enunciados ou não. Dessa forma, verifica-se que o dialogismo vai além da estrutura composicional do enunciador, é algo comum nos enunciados que emitimos ou escrevemos, portanto é fundamental na língua, pelo fato de o nosso discurso ser moldado a partir de outro.

Fiorin (2006, p.33) comenta, a partir das reflexões bakhtinianas, que há duas maneiras de introduzir o discurso alheio num enunciado

[...] uma em que o discurso alheio é abertamente citado e nitidamente separado do discurso citante, é o que Bakhtin chama discurso objetivado; outra, em que o discurso é bivocal, internamente dialogizado, em que não há separação muito nítida do enunciado citante e do citado.

Na primeira concepção, existem diversos procedimentos que podem ser realizados, por exemplo, discurso direto, discurso indireto, aspas, negação. A segunda forma pode ser evidenciada pela paródia, estilização, também pela polêmica clara e velada.

No caso do discurso indireto, ele é caracterizado, por exemplo, em livros de literatura onde temos o narrador e personagens. O narrador, tomando a voz na obra, provoca um distanciamento do personagem. No caso do discurso direto, ocorre o contrário, o narrador apresenta a voz do personagem e ganha liberdade de expressão, o personagem que adquire a palavra na obra.

Temos também as aspas que são muito utilizadas para revelar um discurso que está apresentado no enunciado. Em um trabalho científico é comum empregarmos o discurso alheio para construir outro discurso, dessa forma, as aspas servem para mostrar ao leitor que o discurso presente é de outro autor.

Na forma de negação no enunciado existem dois enunciadores que, em determinado assunto, opõem-se. É muito encontrado, por exemplo, em debates políticos, pelo fato de os enunciadores exporem opiniões opostas, ou seja, duas vozes se confrontam.

A polêmica clara e velada assemelha-se à negação. É estabelecida, por exemplo, em um debate político, quando o enunciador 1 coloca sua posição diante de determinado acontecimento, já o enunciador 2 discorda veemente do discurso do enunciador 1, caracterizando, assim a polêmica. Em contrapartida, a polêmica velada não apresenta claramente a dissensão, mas, mesmo assim, os enunciados estão em devida oposição, defendendo pontos de vista e posicionamentos diversos sobre os fatos.

Outro elemento que remete a discursos alheios é a paródia. Fiorin (2006, p.42) considera que

A paródia é uma imitação de um texto ou de um estilo que procura desqualificar o que está sendo imitado, ridicularizá-lo, negá-lo. No próprio processo imitativo dá-se uma direção diversa ao sentido do que está sendo parodiado. Nesse caso, imita-se para acentuar diferenças.

Para que o texto parodiado seja entendido, é necessário o conhecimento da origem textual que esteja se utilizando, caso contrário não será entendido a dialogização existente entre os textos. O que acontece, nesse caso, é a revisitação do texto 1 e a construção de um sentido diferente num texto 2.

A estilização é o contrário da paródia. Esta última nega o texto revisitado, já a estilização não tem essa intenção, possibilitando que os dois textos tenham o mesmo sentido final, mas com significantes totalmente diferentes.

Mesmo tratando-se de revisitações de textos literários ou discursos em geral, não se pode tratar essas características como cópias, pois o estilo é dialógico, ou seja, depende do “eu” e “outro” para se chegar a um estilo.

As relações dialógicas existentes e o conceito de intertextualidade são discutidos por Fiorin (2006, p.52)

Assim, devem-se chamar intertextualidade apenas as relações dialógicas materializadas em textos. Isso pressupõe que toda intertextualidade implica a existência de uma interdiscursividade (relações entre enunciados), mas nem toda interdiscursividade implica uma intertextualidade. Por exemplo, quando um texto não mostra, no seu fio, o discurso do outro, não há intertextualidade, mas há interdiscursividade.

Torna-se importante pensar no conceito de cronotopo ao refletir sobre as réplicas dos diálogos, pois, para Bakhtin, deve-se haver a constituição histórica, social e cultural dos enunciados. Isso nos leva a entender melhor a relação existente entre os diversos enunciados, pois, o enunciado é construído a partir de outros enunciados, num âmbito sócio-histórico e cultural. Dessa maneira, Marchezan afirma que possuir conhecimento das propriedades dialógicas existentes na língua, nos leva a conhecer a própria linguagem e suas diferentes formas de manifestação por meio dos tempos.

-Não se considera, pois, um grande diálogo geral, sem feições, mas uma diversidade de diálogos, traduzíveis em especificidades de estilo e gênero, que os particularizam e localizam em práticas sociais cotidianas e em esferas de atividades mais sistematizadas (MARCHEZAN, 2006, p. 118).

Quando falamos de ação responsiva, entendemos que o papel de respondente se dá somente pelo ouvinte. Contudo, é preciso lembrar que o falante também é, de certa forma, um respondente, pois constrói seu enunciado por meio de relações feitas com enunciados antecedentes, tomando-os como base para seu discurso, por considerar que o ouvinte já os conhece. Isso evidencia que “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 272).

As réplicas existentes nos diálogos não ocorrem de maneira evidenciada. Para se estudar os gêneros, é necessário entender o que é diálogo, presente nos gêneros primários e secundários. O diálogo nos gêneros secundários acontece de maneira diferente dos gêneros primários, pois neles, a alternância entre sujeitos ocorre de maneira mais sutil. Por exemplo, um romance não necessita de uma ação responsiva imediata como numa conversa entre amigos, porém, ao fim de sua trajetória enunciativa, será possível ao leitor possuir uma ação responsiva perante a obra que leu, por meio das reflexões feitas, opinião passada adiante, seu sentimento perante a obra, ou até mesmo menções da obra feita em seus

enunciados. Além do mais, os gêneros secundários sofrem influência dos diálogos cotidianos, algo evidenciado no estudo do romance.

O diálogo na reflexão bakhtiniana é a alternância de sujeitos na comunicação discursiva, a reação do eu perante a palavra do outro e vice-versa. A relação dialógica existe pelo fato de que todo enunciado se baseia no outro, inserido num contexto sócio-histórico e cultural. Todas as manifestações enunciativas fazem parte de um elo na cadeia discursiva, portanto, a ação responsiva sempre estará presente, pois cada enunciado responde a um outro, tanto num diálogo quanto na reprodução de enunciados alheios.

É necessário reafirmar também a transposição de enunciados entre os gêneros. Por exemplo, nos gêneros jornalísticos, especificamente, nas revistas, um jornalista ao entrevistar alguém, utiliza do diálogo cotidiano para se comunicar. Dessa forma, há a ocorrência de um gênero primário que, ao ser transcrito para a revista, passará a fazer parte desse gênero – um gênero secundário. Sendo assim, o enunciado do entrevistado na revista já não pertence mais ao entrevistado, é somente a reprodução de tal enunciado, encaixado no gênero jornalístico e enquadrado pelas características desse gênero. Isso exemplifica o dialogismo que existe e permeia todos os enunciados: todo enunciado se baseia em enunciados alheios pertencentes a diferentes contextos.

2.3 O mundo em nossas mãos: os gêneros jornalísticos

Os gêneros jornalísticos têm como base o texto escrito, cada um com sua função e finalidade. De acordo com Seixas (2013, p. 166)

Categories como função e finalidade, tratadas também como propósito ou intencionalidade, narração, dissertação e “relato” são importantes. Entretanto, ao mesmo tempo que são frequentemente questionadas na geração de classificações dentro da comunicação e dos campos de origem, não são tensionadas com noções e categorias das teorias do jornalismo, que pensam a instituição, a lógica do fazer-jornalístico, seu processo produtivo, suas propriedades.

Podemos pensar na forma em que todos os dias os jornais, revistas, ou internet nos trazem todos os tipos de informações, sejam elas sobre economia, política, educação etc. Independente do assunto, elas são apresentadas ao leitor de

um modo específico, ou seja, pelos gêneros jornalísticos, que são um conjunto de regras, que têm como objetivo sistematizar o trabalho do jornalista.

Como já vimos anteriormente, Bakhtin (2003) afirma que "[...] os gêneros são bastante heterogêneos, e sua estruturação se diferencia nos diversos diálogos". Não é diferente nos gêneros jornalísticos, que levam em consideração o tipo de linguagem e de notícia, o meio de informação para, então, classificá-los de acordo com os gêneros.

Lage (2008) dá como exemplo a literatura para compreendermos melhor sobre essa questão de gêneros. Para identificarmos o tipo de texto literário, devemos analisar a estrutura, como por exemplo, ao lermos um enunciado com versos, estrofes, e rimas, percebemos sem hesitar que se trata de um poema, ou seja, na literatura, a forma (estrutura) é a portadora da interpretação. Já no gênero jornalístico, o conteúdo e o que é informado são as questões mais importantes, e que devem ser levadas em conta.

O jornalista para transmitir sua informação, utiliza de recursos linguísticos próprios dos gêneros jornalísticos que, por sua vez, apresentam diversas divisões e tipos organizados de acordo com a sua função. Entre eles, podemos citar o gênero opinativo, no qual se enquadram artigos de opiniões, editoriais, carta de leitor, charge, resenhas e comentários, e o gênero informativo, que veicula as notícias, reportagens (geralmente jornal), texto informativo-interpretativo (geralmente revista).

Para Seixas, o informativo, como notícias ou reportagens, é considerado o mais importante entre os gêneros jornalísticos, é mais argumentativo e explicativo que os outros. Tem como finalidade informar o leitor, sem demonstrar opinião e apresenta a escrita de fácil entendimento. Também, deve ser levado em consideração o fato de que, independente do gênero, não existe imparcialidade no jornalismo, ou seja, sempre há uma opinião do escritor, mesmo que esteja subentendida.

De acordo com Rossi (2005), o jornalismo tem como função informar a sociedade, com determinados assuntos relevantes, sobre o que está acontecendo no mundo e isso é transmitido pelos veículos de comunicação. Um profissional de jornalismo, seja ele jornalista, redator, editor ou assessor de imprensa, tem como papel formar opinião e conscientizar a população. É responsabilidade do jornalista

ira fundo na tentativa de encontrar a “verdade”, de escrever as notícias que serão passadas ao público de forma coerente, transmitir as informações de maneira clara e objetiva sem modificar os fatos, independente da sua posição sobre determinado assunto, para que todos tomem conhecimento. Acima de tudo, deve estar atento à conduta ética que cerca os profissionais da comunicação.

Segundo Rossi, (2005, p. 7)

Jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é a fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores e ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra

Lage (2008), também nos leva a compreender a questão de linguagem dentro do jornalismo, que é um fator extremamente importante nesse contexto. “[...] Definir é restringir um conceito. As restrições que se aplicam à linguagem jornalística serão relacionadas com os registros da linguagem, com o processo de comunicação e com compromissos ideológicos” (LAGE, 2008, p. 48). A língua nacional apresenta diversos tipos de usos de acordo com regiões, porém, quando se trata do jornalismo, levam-se em conta dois fatores: primeiramente, o formal, imposto pelo sistema escolar, que se relaciona à modalidade escrita e às situações mais sérias. A formalidade é uma linguagem que ‘aprendemos’ e que “pode servir como índice de ascensão social” (LAGE, 2008, p. 48). O segundo fator é o coloquial, língua de raiz materna, espontânea, e com divergências em cada região.

Dentro da eficiência da comunicação, a linguagem coloquial é a preferida, por ser mais acessível às pessoas de pouca escolaridade, e também por ter uma interpretação mais rápida. Mesmo para os que estudaram, ou têm contato direto com a linguagem formal, a coloquial é preferível. Porém, tudo depende do tipo do texto jornalístico, e do público que o enunciador quer atingir.

3 A tragédia de Mariana

3.1 Breve histórico

A tragédia em Mariana-MG, considerada uma das maiores do Brasil nos últimos tempos, aconteceu no dia cinco de novembro de 2015, quando duas barragens de lama, sólidos e água, pertencentes à mineradora Samarco, se

romperam. Várias pessoas ficaram desabrigadas, perderam suas casas e familiares. Especialistas afirmam que o meio ambiente pode levar séculos para se recuperar, pois a lama que afetou os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo impede que a matéria orgânica cresça.

A mineradora Samarco é uma empresa particular, sem nenhum vínculo com o governo. O Estado de Minas e o Ministério Público analisaram, inicialmente, quatro hipóteses que possam ter levado ao rompimento das barragens: “o cumprimento das condicionantes de licenciamento da Samarco; a explosão de uma mina da Vale próximo ao local; o possível abalo sísmico; e se as obras de alteamento (elevação) da barragem causaram o rompimento”. (SCHREIBER, online, 2015). Foram registrados, antes do rompimento, quatro tremores, porém, segundo pesquisadores da USP, esses tremores não seriam capazes de causar o rompimento das barragens, pois as magnitudes não chegaram a um nível que seria capaz de realizar tamanho desastre. Os responsáveis alegam que só vão obter uma resposta concreta sobre o que causou o rompimento das barragens entre seis meses e um ano após o acidente.

Recentemente, foram indiciadas oito pessoas, além das empresas Samarco, Vale e a consultoria Vog BR, por crimes ambientais e danos contra o patrimônio histórico e cultural.

Houve um acordo entre a empresa e o governo, em que a mineradora Samarco deveria desembolsar R\$ 2 bilhões neste ano e R\$ 2,4 bilhões até 2018 para a reparação dos danos no meio ambiente. Fora isso, cerca de R\$ 300 milhões já foram bloqueados para resguardar as indenizações das famílias afetadas.

A lama, inicialmente, afetou os rios Gualaxo do Norte e Carmo, que ficam próximos à cidade de Mariana e, por meio deles, o Rio Doce foi invadido por lama, deixando mais de mil pescadores sem seu meio de sustento, pois o rio foi totalmente contaminado. As previsões de especialistas sobre a recuperação do rio vão de cinco meses a trinta anos, mas alguns pesquisadores afirmam que a fauna e a flora da região nunca mais voltarão ao normal, além de os moradores de toda região ficarem sem água potável por tempo indeterminado.

De acordo com dados apresentados, onze toneladas de peixes foram mortos, sendo oito em Minas Gerais e três no Espírito Santo. Foram destruídos 1,5 mil de hectares de vegetação entre Mariana (MG) e Linhares (ES). Trinta e cinco

idades foram afetadas em Minas Gerais, e quatro em Espírito Santo. Havia oitenta espécies que habitavam a bacia do Rio Doce antes do desastre, dentre elas, onze estavam ameaçadas de extinção e doze são exclusivas ao rio, enquanto a extensão da lama no mar chegou a 80 km² no litoral de Linhares (ES), em 30 de novembro de 2015. Em vista desse desastre, foi aplicada, pelo Ibama, uma multa no valor de R\$ 250 milhões a Samarco.

As famílias que perderam suas casas com o rompimento das barragens, recentemente vivem em casas alugadas pela mineradora, e recebem um benefício referente a um salário mínimo, com um acréscimo de 20% a cada dependente, e um vale alimentação em torno de R\$300,00. Duas pessoas continuam desaparecidas e outras 17 morreram.

Já os moradores de Bento Rodrigues, distrito de Mariana, escolheram o local onde a nova vila será reconstruída, sendo que a mineradora pediu um prazo de três anos para a entrega das novas casas.

3.2 Gosto amargo do Rio Doce: a tragédia por meio das notícias jornalísticas

3.2.1 A vida levada pela tragédia

A dona de casa Graciete Isabel Viera, de 54 anos, estava na porta de casa quando Marquinhos, um vizinho, chegou de moto gritando: "a barragem rompeu, vai inundar tudo aqui. Corre, Baixinha!" Eram 16h30 de 5 de novembro. Graciete entrou para buscar o sogro, mas José Dunga, de 90 anos, desdenhou: "deixe de ser boba, está muito longe, isso não chega aqui não". O sítio ficava no vilarejo de Camargos, a menos seis quilômetros do distrito de Bento Rodrigues, o primeiro a ser arrasado pela lama despejada com o rompimento das barragens de Fundão e Santarém, em Mariana, Minas Gerais. Ela puxou o sogro e com ele aos tropeços subiu o morro coberto de árvores nos fundos do terreno. De lá, viu o barro cobrir a casa até o telhado e se lembrou dos quatro quilos de doce de limão que acabara de fazer, a primeira encomenda desde que concluía o curso de doceira, dos retratos do pai morto recentemente e do cachorro Barão, que não teve tempo de salvar. Barão, o fiel companheiro da família, estava preso a corrente por causa de um ferimento na perna. Não pode fugir. Morreram também dez cabeças de gado, porcos e galinhas.

O pasto se transformou em um mar de lama mal cheirosa. Por onde passou, a onda de rejeitos da Samarco, empresa formada pela sociedade de duas das maiores mineradoras do mundo, a Vale e a BHP Billiton, destruiu pontes, transformou as águas límpidas de rios em uma substância marrom pastosa e abriu crateras na vegetação de Mata Atlântica que cobre a região. Deixou 10 mortos e 18 desaparecidos.

Após a tragédia, Baixinha se mudou para uma casa vazia, na parte alta do vilarejo, emprestada por um vizinho. O sogro foi para Belo Horizonte ficar com a neta, estudante de economia de 22 anos. O desejo de Baixinha era deixar a região para sempre. Tem a sensação de que a qualquer momento

pode dar de cara com outra onda gigante de lama. Mas o marido, Geraldo Dunga, de 58 anos, não quer ir embora. Desde a inundação, ele percorre alguns quil metros numa trilha aberta no morro e chega à propriedade destruída, onde ainda restam alguns porcos e galinhas para cuidar. Diz que quando banhou as galinhas na bica que desce da encosta, elas pareciam pesar uns cinco quilos por causa do barro grudado. Geraldo Dunga caminha entre os destroços acompanhado das cadelas Senzala, Florentina e Certeza que fu am o barro. No começo da tarde de quarta-feira, ÉPOCA conversou aos gritos com ele, distante 50 metros, isolado por uma faixa de lama que tragar ia quem tentasse atravessá-la. Quando se está atolado já na altura do joelho, mesmo um homem forte não consegue se livrar facilmente, nem com a ajuda de outros.

Geraldo Dunga tinha vacas leiteiras e fazia o transporte de alunos para colégios de Bento Rodrigues e localidades vizinhas. "Não temos mais queijo, nem leite, nem a escola", diz Baixinha. São restou o medo. Agora, segundo ela, funcionários da Samarco percorrem a região alertando moradores que, se houver novo rompimento de barragem, uma sirene soará e todos deverão correr para a igreja na parte mais alta. Há duas outras barragens na região, a de Germano, com capacidade de armazenamento ainda maior do que as duas que se romperam, e a Cava de Germano. Qualquer barulho assusta Baixinha, até mesmo o do vento sacudindo a lona que cobre o teto da igreja, destelhada há algum tempo (CORR EA, online, 2016).

Primeiramente, observemos a manchete da notícia, retirada do *site* da revista * poca*, "As histórias de quem perdeu tudo na tragédia de Mariana". A linguagem utilizada nos leva a presenciar todo o drama que envolveu a tragédia, ou seja, histórias de pessoas afetadas por esse desastre ambiental, como o próprio enunciador expõe. Sabemos que a manchete   utilizada para chamar a aten o do leitor e antecipar todo o tema que será exposto no texto, é o ponto inicial na rela o enunciador-enunciatário. Desse modo, ao utilizar-se de um título envolvente e chamativo, o enunciador consegue despertar a curiosidade do enunciatário perante o tema abordado.

Segundo, temos um subtítulo, muito comum no gênero jornalístico e que, também, é utilizado de modo a ampliar o despertar de interesse no leitor e introduzir o assunto a ser tratado. "Moradores vasculham escombros em busca de documentos, dinheiro e lembranças de uma vida inteira". Observam-se algumas ideologias nesse enunciado no sentido do que se é considerado importante na vida das pessoas, como "documentos" e "dinheiro". Os documentos são recursos indispensáveis para o ser humano que comprovam e permitem sua atua o na sociedade, e o dinheiro, numa visão de mundo capitalista, recurso necessário para a sobrevivência. No caso desses moradores,   necessário que eles vasculhem toda

aquela destruição para reencontrarem sua origem e personalidade, enfim, sua história.

Notamos, também, uma gradação valorativa nesse enunciado, iniciando-se pelo termo “documentos”, que representa a cidadania do indivíduo, objetos de identificação dessas pessoas como cidadãos, podendo trazer um efeito de sentido de que a tragédia tomou a característica de cidadão desses indivíduos, em outras palavras, as pessoas perderam sua identificação como pessoa física. Em seguida, há o termo “dinheiro” que, no âmbito da tragédia, representa a forma de sustento desses habitantes. Por último, o enunciador finaliza seu enunciado com a expressão “... lembranças de uma vida inteira”, utilizando-se do substantivo “lembranças” que nos remete à saudade de momentos que ficaram no passado, complementando-o com um complemento nominal “... de uma vida inteira”, causando um efeito de sentido mais amplo e intenso, pois as pessoas vasculham esses escombros em busca de tudo o que elas construíram e fazia parte delas, sua vida, a vida que, num instante, foi tomada por uma tragédia irreversível. Por meio desses recursos, o enunciador transporta o público-alvo, nesse caso, os leitores dessas notícias, para todo esse contexto envolto na tragédia.

Os recursos utilizados, a dramatização da notícia, a utilização de depoimentos das pessoas que presenciaram o acontecimento de perto, que sofreram e ainda vêm sofrendo com toda a devastação que a tragédia causou, auxiliam na aproximação entre enunciador e enunciatário, de modo a promover o diálogo entre eles.

Observemos agora o corpo da notícia. Primeiramente, lembremos que os gêneros jornalísticos têm por objetivo informar, portanto, possuem um caráter mais formal e objetivo. Entretanto, ao ler essa matéria, observamos que o enunciador, apesar de trazer informações baseadas no tema, impõe um tom de narrativa em seus enunciados, como se estivesse contando uma história, ou melhor dizendo, como se houvesse observado o ocorrido de perto, semelhante aos narradores oniscientes das histórias que lemos em livros. Nesse contexto, a história retratada é de Graciete, uma senhora vítima da tragédia, porém, com o passar da notícia, Graciete passa a ser nomeada como “Baixinha”, chamada por um conhecido no início da notícia.

Desse modo, o autor constrói uma relação mais íntima entre a reportagem e a vítima, utilizando-se de um apelido dado a ela por uma pessoa próxima e também consegue fazer com que o enunciatário se sinta mais próximo de toda a história. Normalmente, o discurso utilizado no gênero jornalístico possui caráter informativo e linguagem objetiva, porém, nesse caso, há um apelo emocional evidenciado. Os enunciados possuem um tom emocionalmente-valorativo de tragédia, de drama, de destruição, não somente da natureza e dos bens materiais, mas do ser humano, aniquilado física e psicologicamente, deixado desamparado pela irresponsabilidade corporativa. Logo, podemos afirmar que não existe somente objetividade na notícia, pois os enunciados do autor apresentam esse caráter em relação ao que se é enunciado, o que faz com que seu discurso possua um tom subjetivo.

O dialogismo não se baseia somente na reprodução de enunciados alheios, mas também, na internalização desses enunciados em seu próprio discurso, de maneira inconsciente ou consciente, como ocorre nessa notícia.

No primeiro parágrafo, um relato do autor evidencia ainda mais a característica de narrador onisciente utilizada no início da notícia.

De lá, viu o barro cobrir a casa até o telhado e se lembrou dos quatro quilos de doce de limão que acabara de fazer, a primeira encomenda desde que concluía o curso de doceira, dos retratos do pai morto recentemente e do cachorro Barão, que não teve tempo de salvar. Barão, o fiel companheiro da família [...] (CORRÊA, online, 2016).

Nesse trecho, o intuito discursivo é envolver e dramatizar ainda mais a situação pela qual Graciethe passou, juntamente com o impacto causado pela tragédia, uma destruição tanto ambiental quanto emocional. Portanto, o enunciador apresenta um contraste entre as perdas da vítima. Falar sobre o doce de limão da primeira encomenda, o pai que morreu recentemente e a morte do cachorro Barão foram recursos que trouxeram um caráter de desolação, perda e destruição para a notícia. Ademais, reafirma a história de vida que existia antes da tragédia, a esperança por uma vida melhor evidenciada ao mencionar a encomenda de doce que proporcionaria uma melhor renda, a batalha contra a perda do pai que, provavelmente, já havia prejudicado emocionalmente os membros da família e, ao mencionar sobre o cão, “o fiel companheiro da família”, reforça a ideia de perda e fidelidade, visto que morreu preso a uma corrente. O emprego do aposto como

recurso estilístico contribui para a construção do relato sobre a tragédia que destruiu a vida dessa família, assim como de outras.

Durante a leitura, é possível notar certos termos utilizados que também são muito significativos para a construção do efeito de sentido da notícia. No segundo parágrafo, o autor fala sobre o pasto que se transformou em um “mar de lama mal cheirosa”, e também relata que a tragédia “transformou as águas límpidas de rios em uma substância marrom pastosa”. Nota-se uma construção hiperbólica evidenciada pelo uso do substantivo “mar” que representa uma grande quantidade de massa líquida, construindo também uma relação de oposição com o termo rio, podendo trazer o efeito de sentido de algo difícil de suportar: antes da tragédia, havia um rio, de menor extensão, porém limpo, agradável, que representava vida, agora é um mar imenso, mal cheiroso e que expõe a morte.

É possível observar, ainda, uma descrição sensorial, aproximando ainda mais o enunciatário desse discurso. Interpelado pelos recursos visuais atrelados ao sentido tátil como em “transformou as águas límpidas de rios em uma substância marrom pastosa”, o enunciatário é exposto a um quadro da tragédia em que as oposições constroem o efeito de sentido da destruição: de um lado, a beleza das águas límpidas do rio, de outro, a cor da lama, cor da terra, representando sujeira. Os adjetivos relacionados a esse “mar” exploram também outros sentidos, tal como o olfato. A lama é mal cheirosa por conta dos dejetos, o que causa no enunciatário certa repulsa, remetendo-o à situação desse ambiente. A água, substância leve e de certo modo “rala”, transformou-se em uma substância marrom pastosa.

O restante da notícia relata sobre outras perdas da família de “Baixinha”, sobre como a moradora vive com medo de ocorrer outro rompimento nas barragens e sobre a conversa com o marido de Graciethé que foi “aos gritos” por conta de uma enorme faixa de lama espessa e profunda, de acordo com a notícia. Recorrer a esse termo, “aos gritos”, e posteriormente explicar o motivo da conversa ter sido nesses moldes é um meio de o enunciador reiterar o impacto no ambiente e as dificuldades sociais que a destruição está causando.

Para finalizar a análise, transcrevemos o trecho que segue:

Geraldo Dunga tinha vacas leiteiras e fazia o transporte de alunos para colégios de Bento Rodrigues e localidades vizinhas. "Não temos mais

queijo, nem leite, nem a escola", diz Baixinha. Só restou o medo (CORRÊA, online, 2016).

O enunciador expõe uma fala da entrevistada por meio do discurso direto, utilizando aspas, que constrói um efeito de sentido de veracidade da notícia, pois o autor expõe essa fala de "Baixinha". Assim, nesse momento, quem dialoga com o enunciatário é a própria vítima. Em seguida, temos o seguinte enunciado, "Só restou o medo." Analisando-o sintaticamente, trata-se de um período simples com uma declaração afirmativa que não permite contrapartida, portanto, a atitude responsiva do enunciatário, possivelmente, será de adesão, concordância. Observemos também o termo "medo", substantivo que representa um sentimento de grande inquietação ante a noção de um perigo tanto real quanto imaginário, uma ameaça. Portanto, a construção de sentido, de efeito impactante, expõe a seguinte afirmação: a tragédia levou tudo dessas pessoas, lembranças, sustento, história e o que sobrou foi um sentimento de valoração negativa, o medo. Esses cidadãos, dificilmente, conseguirão viver em paz novamente.

A partir daí, é possível afirmar que o enunciador não expôs a notícia evidenciando neutralidade perante o caso, suas escolhas linguísticas que compõem o estilo enunciativo, atrelado ao gênero jornalístico, revelam sua visão sobre o que escreveu, suas opiniões e reflexões que, conjuntamente, levam a notícia a atingir seu principal objetivo.

Desse modo, a relação entre enunciador e enunciatário se dá de maneira bastante pessoal, pois o enunciador moldou sua notícia para conseguir tratar do conteúdo-tema com maior emotividade, como se estivesse conversando com o leitor e não somente informando-o.

3.2.2 Desmoronamento: ambiental ou empresarial?

A mineradora Samarco foi reconhecida nos últimos 20 anos como uma das líderes em responsabilidade socioambiental no Brasil. Enfileirou prêmios, foi a primeira mineradora do mundo a ter a certificação ISO 14001 (de gestão ambiental) para todas as etapas de produção. Nada disso adiantou que, na quinta-feira 5 de novembro, fosse responsável por um dos maiores desastres ambientais e sociais recentes do País, cuja extensão ainda está longe de ser dimensionada.

O rompimento das duas barragens de rejeitos de mineração nos municípios de Mariana e Ouro Preto, que resultou na avalanche de milhões de toneladas de lama, tirou vidas, devastou o distrito de Bento Rodrigues, provocou destruição ambiental por mais de 100 quilômetros (e segue

avançando), e ainda jogou por terra o trabalho de inúmeros profissionais sérios.

Sim, porque também há tragédia do lado da empresa. Especialmente, se reconhecermos que ali existem pessoas e não apenas um ente demoníaco e ganancioso. Resumir essa catástrofe à conclusão irrefutável e óbvia de que a empresa é culpada dá conforto imediato a muitas pessoas, mas não nos ajuda a entender toda a complexidade do problema.

Assim com a BP, que provocou o maior desastre ambiental dos EUA em 2010, a Samarco tinha inúmeros estudos e metodologias para a gestão de riscos de suas operações e forte reputação de excelência socioambiental. Em levantamento do renomado ReputationInstitute, em 2014, que incluiu 2.769 entrevistas com representantes de sete públicos, a Samarco alcançou o índice de 74,9 pontos numa escala de 0 a 100, o que a colocava no nível de benchmark para o setor de mineração. Em seu Relatório Anual, a empresa admitiu que permanecia como desafio estreitar os laços e fortalecer as relações de confiança com clientes e comunidades vizinhas.

O mesmo documento oficial da Samarco descreve a gestão ativa de riscos e informa que realizou pela primeira vez em 2014 seis simulados para testar a capacidade de resposta à crises.

Sobre a disposição de rejeitos, diz o relatório: “A análise e o controle de riscos são realizados por meio da metodologia FailureModesandEffectsAnalysis (FMEA), que avalia o potencial de ocorrências e falhas nas barragens, bem como as consequências potenciais sobre a saúde e a segurança das pessoas e do meio ambiente... Sob a ótica da segurança de nossas operações, dispomos do Plano de Ações Emergenciais (PAE) das barragens, que aborda o funcionamento das estruturas de disposição de rejeito e possíveis anomalias ou situações de emergência. Com base nesse documento, que atende aos requisitos legais sobre gestão de barragens, aplicamos, em 2014, um total de 1.356 horas de treinamentos com os empregados envolvidos direta ou indiretamente nas atividades”.

Em outro trecho: “Mapeamos 18 riscos operacionais prioritários de segurança e seis riscos prioritários de saúde e definimos um programa de gerenciamento”. Depois de descrever vários investimentos na mitigação de riscos, finaliza: “Outras melhorias aguardam licenças e aspectos regulatórios para serem implantadas, como a construção do trevo da portaria principal de Ubu e o estacionamento externo da barragem, em Germano.”

Por que nada disso foi suficiente para evitar a tragédia?

Porque as empresas se iludem. Nosso conhecimento é majoritariamente formado por informações passadas ou presentes e, a cada dia, a previsão dos efeitos futuros de nossas atividades fica mais complexa e improvável. Assim, como todas essas ferramentas e metodologias são baseadas em melhores práticas criadas no passado, servem para gerar conforto a acionistas e outros stakeholders, mas não garantem segurança diante de operações de grande impacto.

A pressão por mais e mais produção, somada às incertezas ambientais e sociais, fazem com que cada dia sem acidente seja um dia mais próximo de um acontecimento inesperado. Esse dia chegou para a Samarco, depois de anos perseguindo produtividade, eficiência, e conseqüentemente estocando mais rejeitos.

Assim como a BP teve de pagar 18 bilhões de dólares em multas e indenizações nos Estados Unidos, a Samarco deverá arcar com um imenso custo para reparar os danos ambientais e sociais que gerou. É necessário, no entanto, repensar o modelo de negócios e os processos produtivos dela e de todo o setor de mineração.

Se ainda dependemos de minério para produzir bens necessários, uma empresa realmente responsável deve investir em pesquisa para extrair cada

vez menos recursos naturais, eliminar processos que geram rejeitos e não se acomodar na mera melhoria contínua de modelos insustentáveis.

A tragédia de Mariana revela que os padrões atuais da responsabilidade social corporativa não são suficientes para proteger a sociedade. Precisamos de negócios que tenham processos e modelos de negócios que gerem impacto positivo, regenerem a natureza e compartilhem o valor produzido. Do contrário, lamentaremos muitas outras tragédias (ALMEIDA, online, 2016).

Começamos pela manchete: “O caso Samarco e o desmoronamento da responsabilidade social corporativa”. Inicialmente, o enunciador usa o termo “desmoronamento” para causar um efeito de impacto, provocando, assim, o enunciatário, que já tem conhecimento da tragédia e sabe do que se trata. A transição desse termo, que seria sobre o “desmoronamento de barragens” para o “desmoronamento social” é a fim de constituir a ideia de que existe irresponsabilidade por parte da empresa.

Como recurso estilístico, o termo “desmoronamento” evidencia a ideia de que não é somente uma tragédia ambiental e social, mas também corporativa, visto que é dever das empresas, na atual conjuntura, comprometer-se responsabilmente com a sociedade para preservação, nesse caso, do meio ambiente.

Observa-se uma distinção do modo de relato a respeito da tragédia nos enunciados dessa notícia se comparada à anterior, pois evidencia-se a preferência em relatar o caso com clareza e objetividade, possível pelo uso de dados estatísticos. Porém, por meio de certas escolhas linguísticas que possam parecer corriqueiras em um discurso jornalístico comum para o leitor desatento, destaca-se certa ironia que se inicia pelo primeiro parágrafo da notícia, quando o enunciador relata diversos aspectos positivos da Samarco, que chegam a impressionar o enunciatário pela enormidade da empresa, porém, afirma que toda essa qualificação se mostrou inútil por conta do enorme impacto causado pela própria corporação.

A utilização de dados quantitativos revela ao enunciatário a imensidão do dano causado que também se relaciona com os enunciados do primeiro parágrafo, construindo o efeito de sentido de que a empresa é grande, entretanto, o dano que causou é maior. As escolhas linguísticas, nesse caso, revelam um efeito de sentido de destruição, como em “resultou na avalanche de milhões de toneladas de lama [...], devastou o distrito de Bento Rodrigues, provocou destruição ambiental

por mais de 100 quilômetros”, e ainda, para finalizar seu discurso argumentativo, faz um jogo de palavras evidenciado pela expressão “jogou por terra o trabalho de inúmeros profissionais sérios”, na qual o substantivo “terra” possui um sentido figurado nesse contexto, mas também literal, pois os esforços desses trabalhadores foram em vão a partir do momento em que houve o rompimento da barragem e a lama transbordou.

É importante notar que o enunciador retoma a abordagem de explorar o lado da empresa perante o ocorrido. Nota-se uma transposição de visões. O emprego dos termos “demoníaco” e “ganancioso” são utilizados para descrever a empresa, caracterizando toda a corporação como um “ente”, personificando-a, como se se tratasse de um monstro, uma entidade perigosa e ameaçadora. Em contrapartida, reitera que dentro da empresa existia, sim, o lado humano, ao referir-se às pessoas que ali trabalhavam. Portanto, a irresponsabilidade corporativa e o sentimento negativo ideologizado pelo senso comum generaliza o “todo” como culpado do que aconteceu, sendo que houve prejuízo a diversas pessoas vinculadas à empresa. Dessa forma, a notícia é pautada sobre dois polos: a empresa destrutiva e a corporação prejudicada, algo que, apesar de pertencer a um discurso de caráter objetivo, revela a tentativa de imparcialidade do enunciador.

Também, é feita uma comparação entre o acidente em Mariana com a maior tragédia ambiental nos Estados Unidos com a empresa BP em 2010. Ambas possuíam estudos e metodologias para a gestão de riscos e nada disso foi o suficiente para evitar as tragédias. Evidenciam aqui os recursos que dão autoridade ao discurso desse artigo. São dados estatísticos, além de comparação com outra tragédia, que configura veracidade e permite a introdução da questão que explora o senso de irresponsabilidade enfatizado na notícia: “Porque nada disso foi suficiente para evitar a tragédia?”. A partir da resposta a essa pergunta, é possível identificar a visão do enunciador, direta e objetiva, “[...] as empresas se iludem”. Desse modo, expande o conteúdo temático para outras empresas que possuem como foco a mesma ideologia que a Samarco possuía, uma ideologia capitalista.

A partir disso, o enunciador modifica seu estilo discursivo, criticando a vontade pela produtividade e eficiência que “cega” os gestores dessas grandes empresas e que, nesse âmbito, “cegou” e prejudicou a Samarco. Ainda demonstra ironia, observada pelo seguinte trecho, “uma empresa realmente responsável deve

investir em pesquisa para extrair cada vez menos recursos naturais, eliminar processos que geram rejeitos e não se acomodar na mera melhoria contínua de modelos insustentáveis” (ALMEIDA, online, 2015). A construção discursiva desse enunciado evidencia um efeito de sentido de “verdade”, de algo incontestável, principalmente pelo emprego do advérbio “realmente” anteposto ao adjetivo “responsável”. Assim, afirma-se que a Samarco não foi uma empresa responsável, pois se fosse, nada disso teria acontecido. Ainda, aconselha, ou melhor, estabelece uma direção a ser seguida, ao utilizar o verbo “dever”. Portanto, as escolhas linguísticas ao fim da notícia contribuem para a instauração da visão do enunciador, que demonstra uma opinião negativa sobre a tragédia e o porquê dela ter acontecido, buscando, assim, o efeito da imparcialidade, apesar da objetividade e veracidade dessa notícia.

3.2.3 Deserto de lama

As toneladas de lama que vazaram no rompimento há dez dias de duas barragens da empresa Samarco em Mariana (MG) são protagonistas do maior desastre ambiental provocado pela indústria da mineração brasileira – a Samarco é empresa fruto da sociedade entre a Vale e a anglo-australiana BHP Billiton.

Sessenta bilhões de litros de rejeitos de mineração de ferro –o equivalente a 24 mil piscinas olímpicas– foram despejados ao longo de mais de 500 km na bacia do rio Doce, a quinta maior do país.

Segundo ecólogos, geofísicos e gestores ambientais, pode levar décadas, ou mesmo séculos, para que os prejuízos ambientais sejam revertidos.

Destruídos pelo tsunami marrom, que deixou ao menos sete mortos e 15 desaparecidos, os distritos de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo devem se transformar em desertos de lama.

"Esse resíduo de mineração é infértil porque não tem matéria orgânica. Nada nasce ali. É como plantar na areia da praia de Copacabana", diz Maurício Ehrlich, professor de geotecnia da Coppe-UFRJ (centro de pesquisa em engenharia da Federal do Rio).

"Nada se constrói ali também porque é um material mole, que não oferece resistência. Vai virar um deserto de lama, que demorará dezenas de anos para secar", diz.

Segundo ele, a reconstituição do solo pode levar "até centenas de anos, que é a escala geológica para a formação de um novo solo".

RIO DOCE

Transformado em uma correnteza espessa de terra e areia, o rio Doce não pode ter sua água captada. O abastecimento foi suspenso, e cerca de 500 mil pessoas estão com as torneiras secas.

Especialistas que conhecem a região descrevem o cenário como "assustador".

Para Marcus Vinicius Polignano, presidente do Comitê de Bacia do rio das Velhas e professor da UFMG (Federal de Minas Gerais), um dos mais graves efeitos do despejo do rejeito nas águas é o assoreamento de rios e

riachos, que ficam mais rasos e têm seus cursos alterados pelo aumento do volume de sedimentos, no caso, de lama. "É algo irreversível. Fala-se em remediação mas, no caso da lama nos rios, não existe isso. Não tem como retirá-la de lá."

Enquanto está em suspensão no rio, a lama impede a entrada de luz solar e a oxigenação da água, além de alterar seu pH, o que sufoca peixes e outros animais aquáticos. A força da lama ainda arrastou a mata ciliar, que tem função ecológica de dar proteção ao rio.

"A perda da biodiversidade pode demorar décadas para ser reestabelecida. E isso ainda vai depender de programas montados para esse fim", diz Ricardo Coelho, ecólogo da UFMG. "Existe ainda a possibilidade de espécies endêmicas [que existem só naquela região] serem extintas."

"Há espécies animais e vegetais ali que podemos considerar extintas a partir de hoje", diz o biólogo e pesquisador André Ruschi, diretor de uma das mais antigas instituições de pesquisa ambiental no país, a Estação de Biologia Marinha Augusto Ruschi.

Ele chama a atenção para o fato de que o rompimento das barragens coincidiu com o período de reprodução de várias espécies de peixes. "É o maior desastre ambiental da história do país", avalia.

Mariana entra para a história como uma "ferida aberta", diz Polignano. "É a prova de que nossa gestão ambiental está falida."

DANO BILIONÁRIO

A Samarco, empresa fruto de sociedade entre a Vale e a anglo-australiana BHP Billiton, responsável pela exploração de minério de ferro nas barragens de Fundão e Santarém, no município de Mariana (MG), já foi multada pelo Ibama em R\$ 250 milhões pelos danos ambientais causados pelo desastre.

Na última sexta-feira, dia 13, a Justiça de Minas Gerais determinou o bloqueio de R\$ 300 milhões na conta da Samarco. A decisão liminar decorre de ação civil pública do Ministério Público Estadual, que listou mais de 500 desabrigados pelo rompimento das barragens. O valor deve ser revertido para reparação dos danos às vítimas.

Ainda assim, segundo estimativa de Alessandra Magrini, professora de planejamento energético e ambiental da Coppe-UFRJ e especialista no cálculo de prejuízos em desastres ambientais, os danos causados pelo desastre de Mariana "serão da ordem de bilhões".

"É preciso contabilizar a produção sacrificada, ou seja, pesca, criações, plantações e outras atividades econômicas perdidas, mas também os danos aos recursos naturais, à fauna e à flora e às funções ambientais que eles exercem", declara.

Magrini foi uma das responsáveis pelo cálculo da indenização do acidente que despejou 1,3 milhão de litros de óleo pela Petrobras na baía de Guanabara em 2000. À época, a reparação foi avaliada em cerca de R\$ 350 milhões.

Segundo ela, "recursos naturais são de valoração pouco trivial". "Quanto custa a perda de uma espécie, de um rio ou de um manguezal?"

Ela destaca o acordo feito há menos de dez dias entre EUA e a petroleira BP, responsável pelo vazamento de óleo no Golfo do México: US\$ 20 bilhões (R\$ 76,7 bilhões).

"Para se chegar a este valor, são necessários estudos do impacto do desastre que levem em conta não só a extensão do dano no espaço mas também o prejuízo ao longo do tempo", diz. "Isso deveria ser feito no caso de Mariana", avalia (GERAQUE, online, 2016).

A começar pelo título da matéria "Tragédia em Minas Gerais deve secar rios e criar 'deserto de lama'", já é enunciado o conteúdo temático do desastre e as consequências ambientais provocadas pelo ocorrido.

O destaque marcado pelas aspas na expressão “deserto de lama” evidencia uma escolha linguística com o intuito de reforçar a temática de destruição da natureza. A palavra “deserto”, por exemplo, significa lugar que não é capaz de sustentar a vida, por ser praticamente inabitável, composto por ambiente seco. A palavra “lama”, por conseguinte, tem a função semântica de completar o sentido original da palavra deserto, ou seja, constrói a ideia de um deserto composto por lama, formado a partir do rompimento da barragem.

Na introdução da matéria, é apresentada a empresa responsável pelas barragens, e informa ao leitor que a Samarco é uma fusão entre a Vale e a anglo-australiana BHP Billiton. Nessa parte, são apresentados dados quantitativos sobre o desastre, como os rejeitos que foram despejados na bacia do rio Doce. Também informa que os problemas ambientais podem demorar décadas para serem resolvidos. Há, assim, uma relação entre o título e a introdução da notícia, reforçando a ideia de que o discurso jornalístico busca informar os fatos de maneira fidedigna ao que acontece no mundo.

As informações veiculadas pelo jornal para a sociedade buscam construir o efeito de objetividade e de veracidade dos fatos ocorridos. Ao apresentar dados científicos, o discurso jornalístico busca ganhar credibilidade perante quem lê a notícia.

O jornal *Folha de São Paulo* apresenta na estrutura composicional a distribuição dos acontecimentos divididos em títulos e subtítulos. Dessa forma, a organização é importante para o entendimento de todos os processos ocorridos, pois são divididos subtemas como a questão econômica da região que está sendo afetada até os danos ambientais. Assim a estrutura composicional contribui para a progressão temática da notícia que, junto ao estilo, constrói os efeitos de sentidos desejados, nesse caso, a busca pela objetividade comprometido com ideia de “discurso verdade” perante os fatos.

Para a constituição discursiva sobre a proporção da tragédia, são utilizados artifícios que apresentam a magnitude do desastre, por exemplo, sobre a quantidade de rejeitos que foram despejados sobre a bacia do rio Doce, como na sentença “o equivalente a 24 mil piscinas olímpicas”, ou ainda “sessenta bilhões de litros de rejeitos de mineração de ferro”. Esses dados configuram uma espécie de sensacionalismo perante o fato, pois causa impacto ao enunciatório por meio não

somente da quantidade elevada de rejeitos, mas também, pelo emprego de exemplos que facilitam a compreensão da dimensão da tragédia em Mariana.

Ainda sobre o estilo, a escolha linguística da expressão “tsunami marrom” também reforça a ideia hiperbólica do acidente ecológico, reiterando, dessa forma, a gravidade do acontecimento e dando um tom emotivo-valorativo de desolação, de tragédia ao enunciado.

Por fim, as informações de especialistas sobre o fato também contribuem para a credibilidade das informações veiculadas pelo jornal, produzindo, como premissa da esfera jornalística, a objetividade e a “verdade” sobre os acontecimentos no mundo.

3.3 Pelas lentes das câmeras: análise de fotografias da tragédia

3.3.1 Inércia: a incapacidade perante a destruição

Figura 1: Inércia: a incapacidade perante a destruição



Fonte: Corrêa, online, 2016.

Essa imagem, pertencente à notícia 1 analisada anteriormente, foi retirada do *site* da revista *Época*. Primeiramente, o que observamos é um homem que se encontra por volta dos 70 anos, em pé com braços cruzados. Normalmente, esse gesto corporal remete a um caráter de impaciência, desapontamento ou inércia e, no caso do contexto da tragédia, mostra-se bastante significativo devido à incapacidade de fazer algo a respeito de toda essa destruição. O fundo da imagem apresenta uma das áreas onde ocorreu a tragédia: inteiramente devastada, com telhas e destroços de madeira, o chão repleto de lama, já seca e que parece se fundir com esses destroços, como se tudo agora fizesse parte da lama. Onde havia vida, agora resta lama e destruição. Esse recurso visual, enquanto estilo, denota uma expressividade de grande impacto ao enunciatário, apresentando, assim, o poder destrutivo da tragédia.

Próximo ao homem, três objetos, cobertos de barro e parcialmente destruídos, estão posicionados e parecem ser instrumentos musicais, mais particularmente, tambores. Como sabemos, a música faz parte da riqueza cultural de uma sociedade, manifestando suas características próprias e seu valor social. O tambor, por exemplo, é um instrumento musical comumente utilizado em comemorações mais alegres, festanças típicas de diversos povos brasileiros e, usualmente, remete ao sentimento de felicidade.

A partir disso, evidencia-se que a tragédia destruiu a alegria do povo que ali residia, porém, não somente a alegria, mas a cultura em si, toda uma origem que se foi pela irresponsabilidade do ser humano. Em outras palavras, a maneira que tais objetos se encontram constrói um valor semântico não somente na imagem, mas no objeto da notícia por completo, evidenciando uma oposição bastante significativa entre alegria e destruição/morte perante passado e presente. Os tambores nos remetem a pensar sobre o passado dessa sociedade, que possuía cultura e alegria, e se encontram em grande contraste com a destruição, do local e dos próprios instrumentos, construindo um tom emotivo pesado, que remete à morte e à tristeza.

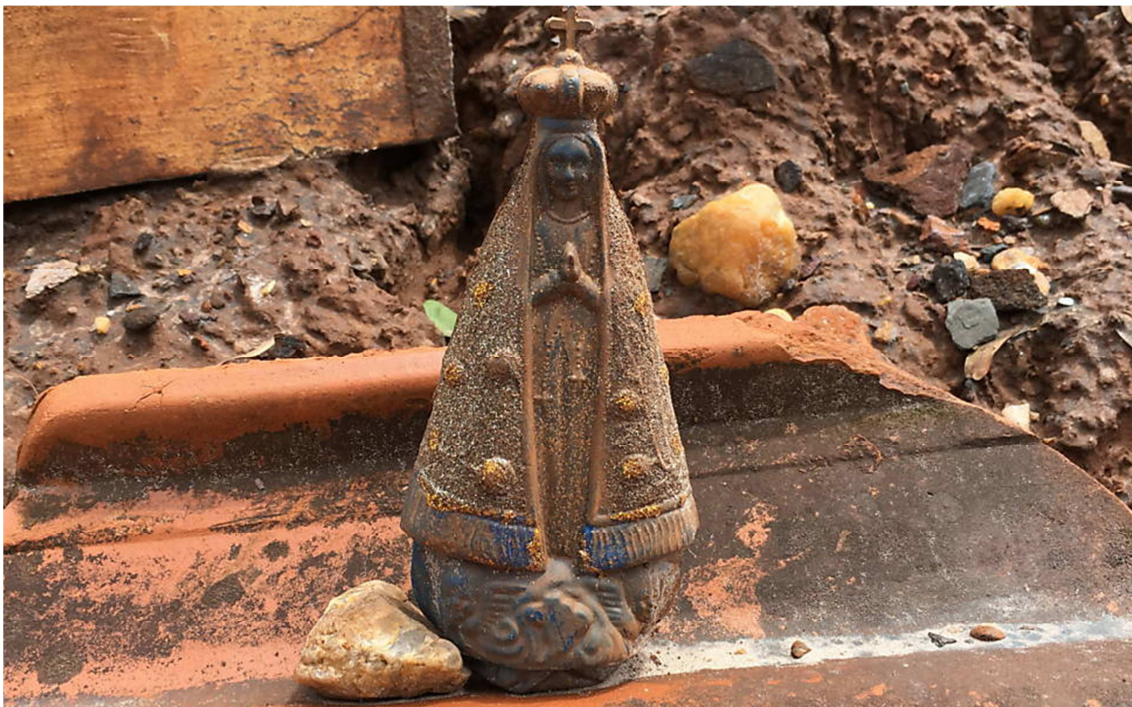
Atrás do homem está um cachorro, magro e triste e que, provavelmente, pertence a ele. O animal, juntamente com o homem, mostra a vida que ainda resta ali, são sobreviventes e que lutam para viver após todo o desastre. Ainda sobre a relação passado e presente, observamos que o homem e o cachorro

se encontram nesses dois polos, ambos fizeram parte do passado, da história, da cultura, e vivem, no momento, um presente destrutivo e vazio.

Como já mencionamos, essa fotografia está construída sob duas oposições: vida *versus* morte. O homem e o cachorro representam a vida, o que restou do passado. Além do mais, a posição vertical de ambos evidencia a vida. A destruição, a lama e os objetos que se encontram ali espalhados trazem o efeito de sentido de morte. Estão, em contrapartida, na horizontalidade, ou seja, estão caídos e fundidos com a lama.

3.3.2 Destruição e Fé

Figura 2: Destruição e fé



Fonte: Jungle, online, 2016.

Essa foto foi tirada no distrito de Bento Rodrigues, após o rompimento da barragem em Mariana-MG. Na imagem, identifica-se Nossa Senhora Aparecida que é muito venerada pela Igreja Católica e considerada a padroeira do Brasil desde 1930. Como na fotografia anterior, o sentido é construído sob uma oposição, dessa vez, a destruição e a fé. Por se tratar de um enunciado não verbal, essa oposição é constituída por dois polos diversos: de um lado, pedaços de paredes, telhas, terra,

lama, de outro, a imagem intacta da Santa que, embora toda enlameada, parece orar pelos infortúnios das pessoas atingidas pela tragédia.

Com o rompimento da barragem muitos sonhos foram perdidos, vidas foram ceifadas. Pessoas simples viviam nesse local e, embora trabalhassem arduamente para garantir o sustento de suas famílias, perderam parentes e amigos e o principal, a fonte de vida, que era o Rio Doce.

Esse enunciado visual, pertencente à esfera jornalística, dialoga com o discurso religioso, veiculando a ideia de que, diante de tamanha destruição, “surge” a imagem de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, guardiã, protetora dos brasileiros, em especial, das pessoas afetadas pela tragédia.

Se por um lado há a destruição que leva o pouco que os cidadãos comuns ali possuíam, por outro há a fé que apresenta novas perspectivas aos moradores, é capaz de revigorá-los, motivando-os nas duras batalhas da vida. As pessoas que creem nessa ideologia têm a possibilidade de se sentirem acolhidas por determinada força.

4 “O sertão vai virar mar”: uma análise discursiva da canção “Cacimba de Mágoa”

O sertão vai virar mar
É o mar virando lama
Gosto amargo do Rio Doce
De regência a Mariana

Mariana, Marina, Maria, Márcia, Mercedes, Marília
Quantas famílias com sede, quantas panelas vazias?
Quantos pescadores sem redes e sem canoas?
Quantas pessoas sofrendo, quantas pessoas?

Quantas pessoas sem rumo como canoas sem remos
Ou pescadores sem linha e sem anzóis?
Quantas pessoas sem sorte, quantas pessoas com fome?
Quantas pessoas sem nome, quantas pessoas sem voz?

Adriano, Diego, Pedro, Marcelo, José
Aquele corpo é de quem, aquele corpo quem é?
É do Tião, é do Léo, é do João, é de quem?
É mais um João-ninguém, é mais um morto qualquer

Morreu debaixo da lama, morreu debaixo do trem?
Ele era filho de alguém, e tinha filho e mulher?
Isso ninguém quer saber, com isso ninguém se importa
Parece que essas pessoas já nascem mortas

E pra quem olha de longe passando sempre por cima

GOSTO AMARGO DO RIO DOCE: uma análise de discursos
jornalísticos e artístico-literários

Parece que essas pessoas não têm valor
São tão pequenas e fracas, deitando em camas e macas
Sobrevivendo, sentindo tristeza e dor

Quem nunca viu a sorte pensa que ela não vem
E enche a cacimba de mágoa
Hoje me abraça forte, corta esse mal, planta o bem
Transforma lágrima em água

O sertão vai virar mar
É o mar virando lama
Gosto amargo do Rio Doce
De Regência a Mariana

O sertão vai virar mar
É o mar virando lama
Gosto amargo do Rio Doce
De Regência a Mariana

Quem olha acima, do alto, ou na TV em segundos
Às vezes vê todo mundo, mas não enxerga ninguém
E não enxerga a nobreza de quem tem pouco, mas ama
De quem defende o que ama e valoriza o que tem

Antônio, Kátia, Rodrigo, Maurício, Flávia e Taís
Trabalham feito formigas, têm uma vida feliz
Sabem o valor da amizade e da pureza
Da natureza e da água, fonte da vida

Conhecem os bichos e plantas e como o galo que canta
Levantam todos os dias com energia e com a cabeça erguida
Mas vêm a lama e o descaso, sem cerimônia
Envenenando o futuro e o presente

Como se faz desde sempre na Amazônia
Nas nossas praias e rios impunemente

Mas o veneno e o atraso, disfarçado de progresso
Que apodrece a nossa fonte e a nossa foz
Não nos faz tirar os olhos do horizonte
Nem polui a esperança que nasce dentro de nós

É quando a lágrima no rosto a gente enxuga e segue em frente
Persistente como as tartarugas e as baleias
E nessa lama nasce a flor que a gente rega
Com o amor que corre dentro do sangue, nas nossas veias

Quem nunca viu a sorte pensa que ela não vem
E enche a cacimba de mágoa
Hoje me abraça forte, corta esse mal, planta o bem
Transforma lágrima em água

O sertão vai virar mar
É o mar virando lama
Gosto amargo do Rio Doce
De Regência a Mariana

O sertão vai virar mar
É o mar virando lama

Gosto amargo do Rio Doce
De Regência a Mariana

O sertão vai virar mar (o sertão virando mar)
É o mar virando lama (o mar virando lama)
Gosto amargo do Rio Doce (da lama nasce a flor)
De Regência a Mariana (muita força, muita sorte)

O sertão vai virar mar (mais justiça, mais amor)
É o mar virando lama
Gosto amargo do Rio Doce
De Regência a Mariana

O sertão vai virar mar
É o mar virando lama

(GABRIEL;FALAMANSA, online, 2016)

Nessa canção, composta pela banda Falamansa e o cantor Gabriel o Pensador, são retratados os acontecimentos em Mariana, descrevendo o sofrimento de quem necessita do rio Doce para o consumo de água e de trabalho para sustento da família.

Nos primeiros versos, identifica-se um diálogo interdiscursivo com a profecia de Antonio Conselheiro, líder religioso retratado pelo autor Euclides da Cunha em “Os sertões” no contexto da Guerra dos Canudos, de que “O sertão vai virar mar”. Há, desse modo, uma relação entre os acontecimentos, ou seja, uma profecia que “parece” ter se concretizado, entretanto, o mar é de lama. Há ainda outra canção intitulada “Sobradinho”, de Sá e Guarabyra, do ano de 1982, que retoma esse enunciado². Dessa forma, observa-se um diálogo entre os três discursos, cada qual construindo sentidos diversos de acordo com o contexto em que estão inseridos.

Ainda na primeira estrofe, os enunciados “Gosto amargo do Rio Doce” e “De Regência a Mariana”, acrescentam sobre os dois primeiros a situação dessa água que agora está poluída, ou seja, água antes “doce” perdeu seu valor, não possui mais vida, pois se tornou um veneno para os peixes e imprópria para o consumo humano. O segundo enunciado apresenta o trajeto percorrido pela água, de Regência-ES a Mariana-MG.

Os nomes citados, “Mariana, Marina, Maria, Márcia, Mercedes, Marília”, apresentam em sua constituição a palavra “mar”. Somente “Mercedes” não tem o

² A canção encontra-se transcrita no Anexo A.

prefixo “mar”, mas, em francês, “mer” significa também mar, portanto, o mar pode ser considerado referenciado, produzindo um efeito de sentido de repetição e enfatizando a relação negativa existente entre o grande mar de lama e as pessoas que perderam a vida.

Na quarta estrofe, o enunciado “É mais um João-ninguém, é mais um morto qualquer”, veicula-se a ideia de indiferença pelas autoridades em relação às vítimas da tragédia, ou seja, os que morreram são somente números, viraram estatística perante os acontecimentos, suas vidas não têm valor. O vocábulo “João-ninguém”, formado por justaposição, caracteriza semanticamente um indivíduo que não faz diferença para a sociedade.

Na quinta e sexta estrofes, identifica-se ainda o sofrimento das pessoas e uma crítica sobre a forma como o caso é tratado pela sociedade, pois ninguém se importa como morreram os cidadãos que naquele local viviam. Ainda sobre a quinta estrofe, há o seguinte enunciado “Parece que essas pessoas já nascem mortas”, isto é, não possuem direito a uma vida digna e com condições adequadas de moradia, saúde e educação.

Esse discurso também evidencia a simplicidade das pessoas comuns que viviam nas redondezas do rio Doce, apresenta uma imagem de cidadãos guerreiros que buscam o trabalho honesto para sustentar sua família, mesmo com as dificuldades diárias, ainda sabem o que é o amor ao próximo. Na décima estrofe são retratadas essas virtudes dos habitantes da região, mesmo sendo humildes valorizam o que têm. Mais uma crítica é observada nos seguintes enunciados “Quem olha acima, do alto, ou na TV em segundos” e “Às vezes vê todo mundo, mas não enxerga ninguém”. Essas afirmações fazem referência a quem está de longe, e vê a situação da região, mas como veem de uma forma geral os fatos, não conseguem compreender a dimensão dos sofrimentos causados pelo desastre ambiental.

Os moradores da região são exaltados nesse discurso, pois, conforme enuncia-se, acordam todos os dias com vontade de vencer e conquistar algo melhor, mas “vêm a lama”, como consequência do descaso com o ser humano e a natureza, dessa maneira, a sequência de suas vidas é afetada pelo desastre.

As questões ambientais do nosso país e a falta de preocupação com nossas matas e com recursos naturais são retratadas como um problema antigo, reforçadas pela impunidade em nosso país.

O discurso capitalista é criticado, como no enunciado “Mas o veneno e o atraso, disfarçado de progresso”, ou seja, as empresas constroem discursos que enfatizam melhorias na estrutura, geração de empregos, mas esse “progresso” é disfarçado, pois a ganância é destrutiva, os verdadeiros objetivos não são melhorias para a população, mas sim, visam ao lucro a todo custo mesmo que custe a vida de outras pessoas. Por outro lado, há um discurso com um tom emotivo valorativo de esperança, como em “Nem polui a esperança que nasce dentro de nós”. O verbo “poluir”, nesse enunciado, reforça a poluição provocada no Rio Doce, mas incapaz, no contexto desse discurso, de aniquilar as esperanças interiores do povo brasileiro.

Os conceitos de desrespeito e de ganância também são enunciados nessa canção. O desrespeito, por exemplo, às pessoas que perderam suas vidas e que ficaram desabrigadas pelo descaso das autoridades, a ganância, por outro lado, expõe o interesse financeiro acima do respeito ao ser humano, pois, para obter retorno financeiro, são esquecidas a segurança e a importância da natureza para a vida, colocando todos em perigo.

O discurso da música possui um apelo emocional de tragédia, compaixão, desolação e indignação, e os enunciados possuem um tom emocional-valorativo frequente, construindo uma relação mais subjetiva entre o enunciatador e o contexto pelo qual se enuncia. Algo bastante comum no gênero musical se comparado ao gênero jornalístico que, no âmbito de nossa pesquisa, são as notícias de jornal e as imagens, recursos verbo-visuais que, conjuntamente, também possuem o objetivo de retratar o desastre e o impacto causado às pessoas e ao ambiente da área atingida.

5 Considerações finais

Como estudado ao longo de nossa pesquisa, os gêneros do discurso se encontram presentes em todos os campos da atividade humana. Em toda manifestação comunicativa, há um gênero que se encontra atrelado ao discurso que, pela concepção bakhtiniana, são enunciados relativamente estáveis que atendem às

diversas esferas comunicativas. Esses enunciados podem se modificar, principalmente, por seu estilo e construção composicional, que muito contribuem na construção de sentidos. Portanto, as escolhas linguísticas e visuais, que configuram o estilo, são essenciais na constituição semântica dos gêneros que, aliadas à temática, enunciam valores sociais e ideológicos. Já a estrutura composicional revela fatores organizacionais relativamente estáveis que se modificam de acordo com o gênero explorado.

Como abordamos anteriormente, a temática da tragédia de Mariana obteve grande repercussão nos gêneros jornalísticos que, geralmente, buscam criar o efeito de imparcialidade e objetividade na veiculação de ideias, visando a exposição da “verdade” dos fatos aos leitores. As escolhas linguísticas, muitas vezes, apresentam um caráter mais formal para configurar a ideia de “real” e de veracidade principalmente em enunciados informativos e menos opinativos.

Entretanto, ao longo das análises das notícias e imagens apresentadas nessa pesquisa, observamos que os gêneros jornalísticos são compostos por uma variedade estilística de acordo com o intuito discursivo do enunciador.

No primeiro enunciado analisado, verificamos um apelo emocional maior, visto que o enunciador procura, por meio das escolhas linguísticas, aproximar o enunciatário à tragédia e às vítimas relatadas, possibilitado pela maneira que seu discurso é construído. O tom de seus enunciados possui uma maior dramatização, visto que o enunciador busca trazer a seus enunciatários o dano social que a tragédia causou aos habitantes da região. Ainda, por meio de descrições sensoriais, o enunciador carrega o leitor ao ambiente da tragédia, e explora, ainda mais, recursos que expressam um tom emotivo-valorativo mais intenso.

Também são veiculadas ideologias, como a necessidade financeira imposta pelo capitalismo, ao mencionar a busca pelo dinheiro, assim como a condição social necessária para atuação na sociedade possibilitada pela posse de documentos, perdidos com o desastre. Há ainda a menção sobre a perda das lembranças, de modo a construir uma sensibilização emocional e evidenciar o caráter humano das vítimas. Desse modo, a subjetividade explorada nessa notícia trouxe um tom emotivo-valorativo de desolação e desastre ao enunciado. Assim sendo, podemos afirmar que, por meio dessas escolhas linguísticas, não há

imparcialidade, visto que o tom emocional evidencia pontos de vista e valores sociais.

No segundo enunciado, foram empregados recursos linguísticos que contribuem para a construção de um discurso mais objetivo, como dados estatísticos e comparações com outras tragédias, evidenciando, dessa maneira, uma busca por maior veracidade à notícia e certo distanciamento entre enunciador e enunciatário. Embora haja duas posições distintas, de um lado, o prejuízo causado e sofrido pela empresa, de outro sua responsabilidade perante o caso, há uma expressividade negativa que revela um tom de indignação evidenciado pela reiteração de que a Samarco foi uma empresa irresponsável ao valorizar os ideais capitalistas acima dos compromissos sociais e ambientais.

A última notícia tem como temática a destruição ambiental como consequência da tragédia. Seus enunciados possuem um caráter objetivo, pois também são veiculados dados de pesquisas para a construção de efeito de veracidade. Porém, os recursos linguísticos utilizados evidenciam uma descrição excessiva como a expressão utilizada para retratar como ficou a área devastada, que se transformou num “deserto de lama”. Também, há outras expressões hiperbólicas como “tsunami marrom”, empregado para retratar a quantidade de dejetos, e os dados estatísticos pautados em medidas como “piscinas olímpicas”, por exemplo, que trazem ao enunciatário a imensidão da tragédia. É importante mencionar também que a estrutura composicional dessa notícia é constituída por tópicos que, além de contribuir na organização discursiva, prepara o enunciatário para os assuntos a serem tratados. Enfim, o estilo, atrelado à estrutura composicional, demonstra que o enunciador tem como objetivo não só informar, mas reiterar a grandeza da destruição de modo a comover os enunciatários e construir um apelo emocional mais intenso.

As imagens, por sua vez, apresentam um caráter semântico que permite explorar a dimensão da tragédia, assim como fatores ideológicos, possibilitados pela estrutura composicional e pela seleção dos recursos visuais.

A primeira fotografia é construída sob a oposição vida *versus* morte e evidenciada pela maneira como os componentes se encontram posicionados na imagem, como a horizontalidade dos objetos destruídos e a verticalidade configurada pelos seres vivos, ou seja, o homem e o animal. Essa construção, que

constitui o estilo, explora um tom dramático, assim como nas notícias, e, também, expõe o impacto causado pela tragédia. Esses recursos reiteram também a insignificância humana que não é capaz de fazer nada perante toda a tragédia.

Na segunda, há um caráter ideológico que, no âmbito dessa imagem, pautou-se sob a oposição destruição e fé. Novamente, os recursos visuais utilizados exaltam a dimensão da tragédia, porém, o apelo emocional se mostra maior e a relação construída entre enunciador e enunciatário se mostrou mais íntima pela exploração de um tema presente diariamente na vida humana, a fé. Assim, o discurso da imagem dialoga com o discurso religioso de modo a construir um tom emocionalmente-valorativo de sensibilização.

Em se tratando do gênero artístico-literário, a canção “Cacimba de Mágoa” explora a temática da tragédia de Mariana de maneira mais subjetiva, pois é evidenciado um tom emotivo-valorativo mais intenso, numa mescla entre fato ocorrido e construção discursiva. Os recursos linguísticos utilizados exploram um apelo emocional que abrange diversos valores sociais e políticos, entre eles, o capitalismo, a indiferença perante os habitantes da tragédia, o drama envolvente, a destruição da natureza, o desrespeito e a ganância.

Apesar de pertencer a gêneros diferentes, ao se tratar de um mesmo conteúdo temático, a canção dialoga com os diversos discursos referentes à tragédia, não só em relação ao conteúdo temático como também se refere a outros enunciados, em contexto sócio-histórico e cultural distinto, como a profecia de Antônio Conselheiro no livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha, e a música *Sobradinho*, de Sá e Guarabyra, mencionada em nossa análise. A construção semântica do discurso da música proporciona uma relação mais próxima entre os sujeitos da comunicação por meio de um apelo emocional maior e valor crítico evidenciado. Além do mais, o estilo é marcado pela melodia e pelo emprego de recursos rítmicos como versos, estrofes e rimas.

Ao longo da análise, verificamos a enunciação de valores sociais em relação à irresponsabilidade que ocasionou toda a tragédia. O desrespeito ao meio-ambiente, ao ser humano, aos animais, a indiferença perante a vida humana, o egoísmo revelado pela busca desenfreada pelo lucro/dinheiro em oposição à valorização social, acabou por destruir diversas vidas. Assim, são reveladas diversas

ideologias advindas de esferas sociais diferentes, entre elas, religiosas, capitalistas e ecológicas.

Por fim, os gêneros jornalísticos, que possuem o intuito discursivo de informar, constroem os sentidos ora expressando um tom valorativo mais subjetivo provocando emocionalmente o enunciatário e buscando construir uma relação mais próxima entre os sujeitos do discurso, ora expondo dados estatísticos e estudos científicos e comparações a fim de veicular a ideia de objetividade e veracidade dos fatos.

Por outro lado, por meio de gêneros artístico-literários, a exploração do tema, embora veicule a informação do fato ocorrido, expressa um tom emotivo-valorativo mais intenso, denunciando, mas também, provocando o enunciatário a partir dos recursos linguísticos diferenciados, causando a estranheza e o efeito de ruptura com o usual. Afinal, a lama que desceu o rio Doce, na canção, parece provocar um “gosto amargo” no enunciatário, desmascarando os descasos e a ambição pelo lucro desmesurado e irresponsável.

Referências

ALMEIDA, Álvaro. *O caso Samarco e o desmoronamento da responsabilidade social corporativa: a tragédia de Mariana revela que os padrões atuais da responsabilidade social corporativa não são suficientes para proteger a sociedade.* Disponível em: <<http://www.istoedinheiro.com.br/blogs-e-colunas/post/20151109/caso-samarco-desmoronamento-responsabilidade-social-corporativa/7737>>. Acesso em 27 jul. 2015.

BAKHTIN, Mikhail. Os Gêneros do Discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRAIT, Beth. Estilo. In: _____ (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 79-102.

CORRÊA, Hudson. *As histórias de quem perdeu tudo na tragédia de Mariana: Moradores vasculham escombros em busca de documentos, dinheiro e lembranças de uma vida inteira.* Disponível em: <<http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/11/historias-de-quem-perdeu-tudo-na-tragedia-de-mariana.html>>. Acesso em 31 jul. 2016.

DISCINI, Norma. Bakhtin: construção para uma estilística discursiva. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 115-148. (Série Bakhtin: Inclassificável, v. 1)



FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

GABRIEL; FALAMANSA. *Cacimba de Mágua*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/gabriel-pensador/cacimba-de-magoa/>> Acesso em 01 ago. 2016.

GERAQUE, Eduardo. *Tragédia em Minas Gerais deve secar rios e criar 'deserto de lama'*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/11/1706510-tragedia-em-minas-gerais-deve-secar-rios-e-criar-deserto-de-lama.shtml>>. Acesso em 28 jul. 2016.

JUNGLE. *Diretor produz filme em realidade virtual sobre tragédia de Mariana*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/12/1723083-diretor-lanca-filme-em-realidade-virtual-sobre-tragedia-de-mariana.shtml>>. Acesso em 12 ago. 2016.

LAGE, Nilson. O texto jornalístico. In: _____. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Ática, 2008. p. 46-51.

MACHADO, Irene. Gêneros do discurso. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2007. p.151-166.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Dialogismo. In: BRAIT, Beth (Org). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 115-131

ROMPIMENTO de barragem da Samarco, em Mariana, completa um mês. Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/minas-gerais/2015/desastre-ambiental-em-mariana/1-mes-em-numeros/>>. Acesso em 15 jul. 2016.

ROSSI, Clovis. *O que é jornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SCHREIBER, Mariana. *Desastre em Mariana foi acidente ou crime? 'É precipitado avaliar', diz ministro*. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151110_ministro_mariana_ms>. Acesso em 15 jul. 2016.

SEIXAS, Lia. *Teorias de jornalismo para gêneros jornalísticos*. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gal/v13n25/v13n25a14.pdf>>. Acesso em 04 de maio 2016.

ANEXO A

Sobradinho



CAMPOS-TOSCANO, A.L.F.; MARQUETE, G.R.; MARQUES, I. C.;
GARCIA, K.S.

O homem chega, já desfaz a natureza
Tira gente, põe represa, diz que tudo vai mudar
O São Francisco lá pra cima da Bahia
Diz que dia menos dia vai subir bem devagar
E passo a passo vai cumprindo a profecia do beato que dizia que o Sertão ia alagar

O sertão vai virar mar, dá no coração
O medo que algum dia o mar também vire sertão

Adeus Remanso, Casa Nova, Sento-Sé
Adeus Pilão Arcado vem o rio te engolir
Debaixo d'água lá se vai a vida inteira
Por cima da cachoeira o gaiola vai subir
Vai ter barragem no salto do Sobradinho
E o povo vai-se embora com medo de se afogar.

Remanso, Casa Nova, Sento-Sé
Pilão Arcado, Sobradinho
Adeus, Adeus ...